

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A TRANSIÇÃO PARA A ADULTEZ:
A QUALIDADE DA RELAÇÃO PARENTAL, EXPLORAÇÃO VOCACIONAL E
PERSPETIVAS TRABALHO E FAMÍLIA EM JOVENS COM DIFERENTES
TRAJETÓRIAS ESCOLARES.

Diva Rafaela Fernandes Couto

outubro, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora *Paula Mena Matos*
(F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento é dirigido, muito naturalmente, à Professora Paula Mena Matos, por todo o incentivo, motivação e paciência. Por constituir um verdadeiro exemplo de profissionalismo e por estar sempre disponível!

Aos meus amigos e irmãos-de-afeto a quem agradeço todos os dias. Pelos *empurrões*, por sempre acreditarem em mim. Pela partilha de momentos eternos, sorrisos luminosos e abraços de conforto... A eles devo grande parte da construção que hoje sou.

À São e ao Gusto, pais do coração, por me ajudarem a dar pequenos-grandes passos na vida.

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste trabalho, o meu **muito obrigada!**

Resumo

O presente estudo centra-se no processo de transição para a adultez considerando o facto de esta ter sofrido, ao longo das últimas décadas, grandes transformações no que concerne às características que tradicionalmente marcavam de forma bem definida a integração do papel de adulto. O pano de fundo teórico em que assenta este trabalho corresponde ao modelo da adultez emergente, proposto por Arnett (e.g., 1996, 2000, 2002, 2004, 2006). De acordo com a teoria, este período distinto apresenta características específicas que o demarcam da adolescência e da adultez, sendo pautado pelo elevado nível de comportamentos de exploração da identidade, sem um assumir de responsabilidades que caracterizam o papel de adulto. Com o presente trabalho, pretende-se abordar o modelo supracitado, através de uma análise detalhada das suas características, tendo em especial atenção a realidade portuguesa, e fatores como o nível de escolaridade, o género e a idade, que poderão moldar a forma como este período é experienciado pelos jovens. O objetivo principal do estudo empírico visa compreender a perceção que os adultos emergentes têm relativamente à qualidade da relação com ambos os pais, verificando a associação entre esta e dimensões do comportamento de exploração vocacional, a importância atribuída no momento atual a vários aspetos da vida (e.g., ter uma relação romântica estável, ter sucesso profissional), bem como a importância na consideração de uma profissão (atual ou futura). Em particular, pretende-se comparar uma amostra de adultos emergentes universitários e uma amostra constituída por adultos emergentes que enveredaram por outras trajetórias, bem como analisar o papel do género e da idade. Na totalidade, a amostra é composta por 294 participantes, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Constatou-se que o género, a idade e o nível de escolaridade exercem efeito nas expectativas dos adultos emergentes relativamente às variáveis estudadas. Verificaram-se também associações entre a qualidade da relação parental, as dimensões do comportamento de exploração vocacional, e a importância atribuída ao trabalho e à família.

Palavras-chave: adultez emergente; qualidade da relação parental; comportamento de exploração vocacional; balanço trabalho e família.

Abstract

The present study focuses on the transition to adulthood considering the fact that it has suffered over the past decades, major changes regarding the characteristics that traditionally marked in a clearly defined way the integration with the adult's role. The theoretical background on which this work was done corresponds to the model of emerging adulthood proposed by Arnett (e.g., 1996, 2000, 2002, 2004, 2006). According to model, this distinct period has specific characteristics that mark adolescence and adulthood, being guided by the high level of exploratory behaviors of identity, without an assumption of responsibility that characterizes the adult role. With the present work, we intend to address the model above, through a detailed analysis of its characteristics, with special attention to the Portuguese reality, and factors such as education level, gender and age, which may shape the way this period is experienced by young people. The main objective of this empirical study aims to understand the perception emerging that adults have of the quality of the relationship with both parents, verifying the link between this behavior and dimensions of career exploration, the importance attached at present to various aspects of life (e.g., having a romantic stable relationship, professional success), and the importance in considering a job (current or future). In particular, it is intended to compare a sample of emerging university adults and a sample of emerging adults who have engaged on other paths, as well as analyze the role of gender and age. In total, the sample consists of 294 participants of both genders, aged between 18 and 30 years old. It was found that gender, age and education levels exert an effect on emerging adults' expectations for the variables studied. There were also associations between quality of parental relationship, the dimensions of career exploration behavior, and the importance attached to work and family.

Keywords: emerging adulthood; quality of parental relationship; career exploration behavior; balance work and family.

Résumé

Ce présent étude est centré dans le procès de transition pour l'âge adulte considerant le fait de celle-ci avoir souffert, au long des années, de grandes transformations en ce qui concerne les caracteristiques qui tradicionnellement marquent une forme bien définie à la integration du rôle d'adulte. La base théorique de ce travail s'appuie sur le modèle de l'adulte emergente, proposés par Arnett (e.g., 1996, 2000, 2002, 2004, 2006). En accord avec ce modèle, cette période précise nous presente des caracteristiques specifiques qui le delimite de l'adolescence et l'age adulte, ce caracterize par un haut niveau de comportements d'exploration de l'identité, sans en assumer des responsabilités qui caracterisent le rôle de l'adulte. Avec ce travail on pretend aborder un modèle déjà rapporté, à travers une analyse detaillée de ces caracteristiques, ayant special attention à la realité portugaise, et des facteurs comme le niveau de scolarité, le sexe et l'êge, qui pourront molder la forme comme cette période est vecue par les jeunes. L'objectif principal de l'étude empirique vise à comprendre la perception que les adultes emergents ont relativement à la qualité de la relation avec le deux parents, verifiant l'association entre cette dimension de comportement de l'exploration vocacionelle, et l'importance atribué au moment actuel à differents aspects de la vie (e.g., avoir une relation romantique stable, avoir succès professionnel), bien comme l'importance d'une consideration d'une profission (actuelle ou future). En particulier, on pretend comparer une échantillon constitué par des adultes emergants qui on suivit d'autres trajectoires, bien comme analyser le rôle du sexe et de l'âge. Dans la totalité, l'échantillon est composé par 294 participants, des deux sexes, âgées entre 18 et 30 ans. On a constaté que le sexe, l'âge et le niveau scolaire ont un effet dans les spectatives des adultes emergents relativement aux variables étudiés. On a verifié aussi des associations entre la qualité de la relation parentale, les dimensions du comportement de l'exploration vocacionelle, et l'importance atribué au travail et à la famille.

Mots-clés: adulte emergent; qualité de la relation parentale; comportement de l'exploration vocacionelle; equilibre travail et famille.

Índice	Página
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento conceptual	3
1. Perspetiva histórica da transição para a idade adulta	3
1.1. O estado atual	4
2. A adultez emergente como uma nova etapa desenvolvimental	6
3. Expectativas e escolhas dos adultos emergentes face aos objetivos do trabalho e família	9
4. Estudante do ensino superior e adultez emergente	9
5. A importância da família na transição para a adultez	11
6. A importância da qualidade da relação parental nas dimensões do comportamento de exploração vocacional	14
Capítulo II – Estudo empírico	18
1. Metodologia	18
1.1. O problema	18
1.2. Objetivos	19
1.3. Variáveis	19
1.4. Questões e algumas hipóteses de investigação	19
1.4.1. Diferenças em função do género	20
1.4.2. Diferenças em função da idade	21
1.4.3. Diferenças em função da escolaridade	21
1.4.4. Relação entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional, e objetivos trabalho e família (em função do género e da escolaridade)	23
1.4.5. Relação entre a qualidade da relação parental e a importância do trabalho e família (em função do género e da escolaridade)	24
1.5. Participantes	24
1.6. Procedimento	25
1.7. Instrumentos	26
1.7.1. Network Relationship Inventory (NRI)	26
1.7.1.1. Estrutura fatorial e consistência interna	28
1.7.2. Opinião acerca da situação económica geral	29
1.7.2.1. Estrutura fatorial e consistência interna	29
1.7.3. Escala de importância do trabalho e família	30
1.7.4. Escala de exploração vocacional	30
1.7.4.1. Estrutura fatorial e consistência interna	30

1.7.5. Escala de objetivos face ao trabalho e família	31
1.7.5.1. Estrutura fatorial e consistência interna	31
2. Apresentação dos resultados	32
2.1. Diferenças entre grupos	33
2.1.1. ... em função do género	33
2.1.2. ... em função da idade	34
2.1.3. ... em função da escolaridade	36
2.2. Análises correlacionais	37
2.2.1. Associações entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional e os objetivos face ao trabalho e família	37
2.2.2. Associações entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família	39
3. Discussão dos resultados	42
3.1. Diferenças em função do género	42
3.2. Diferenças em função da idade	46
3.3. Diferenças em função da escolaridade	47
3.4. Associações entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional e os objetivos face ao trabalho e família	49
3.5. Associações entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família	51
4. Conclusões gerais e limitações do estudo	53
Referências bibliográficas	56
Anexos	61
Anexo 1	62
Anexo 2	64
Anexo 3	70

Índice de quadros

Página

Quadro 1 - Estrutura fatorial do NRI para a mãe	71
Quadro 2 – Estrutura fatorial do NRI para o pai	72
Quadro 3 – Consistência interna para a qualidade da relação parental	29
Quadro 4 – Estrutura unifatorial da Escala de opinião acerca da situação económica geral	73
Quadro 5 – Estrutura unifatorial da Escala de exploração vocacional	74
Quadro 6 – Estrutura fatorial e consistência interna da Escala de objetivos trabalho e família	32
Quadro 7 – Correlação entre a qualidade da relação parental, exploração vocacional e objetivos trabalho e família (em função do género)	38
Quadro 8 – Correlação entre a qualidade da relação parental, exploração vocacional e objetivos trabalho e família (em função da escolaridade)	39
Quadro 9 – Correlação entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família (em função do género)	40
Quadro 10 – Correlação entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família (em função da escolaridade)	42

Introdução

A presente dissertação assenta na problemática da transição para a idade adulta, partindo das perceções dos adultos emergentes relativamente a variáveis centrais neste estudo, nomeadamente a qualidade da relação parental, dimensões do comportamento de exploração vocacional e a importância dada a projetos futuros quando estes jovens consideram uma profissão. A pertinência deste estudo surge com o facto de esta ser uma etapa de vida que se afigura atualmente como mais longa e complexa, e tende a ser experienciada segundo uma maior dependência face aos pais, tornando-se assim muito relevante compreender do ponto de vista psicológico e social este processo desenvolvimental, numa sociedade também ela em mudança. Arnett (2000; 2002; 2004; 2006) aponta para o surgimento de uma nova fase do desenvolvimento humano à qual designou de *adulthood emergente* (“*emerging adulthood*”). Este consiste num período que se situa entre o final da adolescência e o início da idade adulta (18 e 25 anos) que apresenta características próprias, sendo demarcado predominantemente pela exploração da identidade, pela instabilidade, pela *auto-focagem* e pela vivência do “estar-entre” (como aponta o autor, *in-between*). Assim, aquela passagem tradicionalmente rápida e marcada por rituais como atingir a maioridade, o casamento e a parentalidade está progressivamente a decompor-se numa sequência de estados transitórios individuais, com base num conjunto de modelos sociais e temporais.

As alterações demográficas que têm ocorrido nas últimas décadas, no que concerne ao *timing* do casamento e da parentalidade, fazem emergir a *adulthood emergente* como um estágio desenvolvimental característico das sociedades mais industrializadas. Em Portugal também se verifica este adiamento, tanto para homens como para as mulheres nas últimas décadas (Monteiro, Tavares & Pereira, 2009). Segundo as estatísticas, em 1980, a idade média do casamento nos homens era de 27.2 anos, e para as mulheres de 24.3, tendo aumentado em ambos os géneros de forma gradual, situando-se em 2009 nos 33.4 anos para os homens e 30.8 anos para as mulheres. Relativamente à idade média na mulher do nascimento do primeiro filho, em 1990 esta era de 24.7 anos, e em 2009 atinge os 28.6 anos de idade (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Este abrandamento da transição para a idade adulta tem atribuído um maior poder de influência à família de origem, influência essa que, nas últimas décadas, tendia a desempenhar um papel diferente nesta fase transitória. A família, com a importante posição que detém, sempre levou a cabo uma função de sustentação e apoio em prol dos mais

jovens. Contudo, esta disposição das famílias para suportar uma transição para a idade adulta, cada vez mais alargada, é um novo fenómeno. De facto, em particular nos países do sul da Europa, este “abrandar” da emergência da adultez só é possível na medida em que os adultos emergentes podem contar com o apoio das suas famílias na longa transição para a idade adulta. Contrariamente ao que acontecia no passado, em que as gerações tinham o mesmo acesso aos recursos da família, atualmente os pais estão mais dispostos a apoiar as gerações mais jovens (Scabini, Marta, & Lanz, 2006) na ascensão até à idade adulta, bem como fornecer uma maior parte dos recursos da família em favor da concretização deste objetivo.

Neste sentido, ao longo deste trabalho, serão analisados vários aspetos relativos ao que é ser adulto em Portugal, tomando como ponto de partida o modelo teórico mencionado, bem como as críticas que lhe têm sido formuladas. Ter-se-á em linha de conta alguns fatores que, tal como a investigação aponta, constituem importantes variáveis para a compreensão do desenvolvimento humano, em particular no período de transição para a adultez. A relação dos jovens com cada um dos pais (e.g., Lempers & Clark-Lempers, 1991; Noack & Buhl, 2004; Noack, et al., 2001) e o seu papel preditivo relativamente à transição da escola para o mundo do trabalho, assim como o processo de exploração vocacional daí resultante (e.g., Gonçalves & Coimbra, 1994, 2007; Gonçalves, et al., 1997; Kracke, 1997; Dietrich & Kracke, 2007), são exemplos desses fatores. Para além disso, serão também consideradas as perceções dos participantes acerca da situação económica atual, a importância dada a vários aspetos da vida no momento atual e na escolha de uma (futura) profissão.

O trabalho encontra-se distribuído em dois capítulos. O primeiro capítulo constitui o enquadramento conceptual, onde se apresentam os princípios teóricos que regeram, orientam e fundamentam a conceção deste trabalho. O segundo capítulo integra o estudo empírico, onde serão apresentados os objetivos, questões e hipóteses de investigação, seguindo-se a apresentação dos resultados e a sua discussão.

Capítulo I : Enquadramento conceptual

1. Perspetiva histórica da transição para a idade adulta

“Nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições dos jovens assemelhavam-se a viagens de comboio nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, e qualificações académicas, abarcavam em diferentes comboios com destinos pré-determinados. As oportunidades para mudar de destino ou trajecto eram limitadas. Em claro contraste, nas duas últimas décadas as transições dos jovens poderiam ser melhor comparadas com viagens de automóvel. O condutor do automóvel encontra-se em condições de seleccionar o seu itinerário de viagem entre um vasto número de alternativas.”
(in Pais, 2001)

O conceito de adulto tem variado ao longo do tempo e da história, dependendo da sociedade, no que concerne a significados, representações e ritualizações. Até ao final do século XIX, ser adulto significava ter chegado ao fim de uma etapa: a infância (segundo a etimologia latina, *adultus* referia-se àquele que “deixou de crescer”) (Boutinet, sem data). Com a revolução industrial e todas as alterações económicas e sociais a ela associadas, as várias etapas da vida foram sendo redefinidas, e de forma particular a adolescência que, no início do século XX, passa a ser socialmente reconhecida como uma nova etapa do ciclo vital. Assim, a adolescência começa a ser encarada como um período importante no processo de desenvolvimento do indivíduo e a dependência face à família foi-se prolongando até à idade do casamento (Mendonça, 2007). Por volta dos 17 ou 18 anos, isto é, o que se considerava o final da adolescência, a maioria dos adolescentes tinha já terminado os estudos preparando-se para entrar no mercado de trabalho. Assim, pelos 20 anos de idade, grande parte dos jovens tinha já adquirido o estatuto de adulto.

Muitos foram os autores que, ao longo do tempo, contribuíram com as suas teorias sobre a emergência da adultez, como Arnett propõe. Uma das primeiras e incontornáveis contribuições diz respeito aos trabalhos de Erikson (1976). Ainda que muito raramente este autor especifique idades, na sua teoria, Erikson não parece ter incluído um período distinto análogo à adultez emergente. Erikson fala-nos de uma adolescência prolongada (*prolonged adolescence*) e dos característicos períodos de moratória psicossocial (*psychosocial moratorium*) onde, “através da livre experimentação de papel [o jovem] poderá encontrar um nicho em alguma secção da sociedade” (Erikson, 1976, p. 156), ou ainda, um “compasso de espera nos compromissos adultos . . . e um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem” (Erikson, 1976, p. 157). Deste modo, ainda que o autor não tenha atribuído uma designação distinta, foi reconhecida a existência de um período entre a adolescência (para

o autor, o último patamar da infância) e a idade adulta, pautado pelo adiar de compromissos “para toda a vida” característicos da adultez, e a simultaneidade de experimentação de papéis (Erikson, 1976).

Um outro autor que forneceu um forte contributo foi Levinson (1986) pois, através do estudo de adolescentes tardios e jovens adultos, fez surgir o conceito de fase novíça do desenvolvimento (*novice phase of development*) entre os 17 e os 33 anos de idade. A tarefa dominante deste *estádio* implicava a entrada no mundo adulto e a construção de uma estrutura estável de vida, sendo que o jovem adulto experienciaria nesta fase um conjunto considerável de instabilidade e mudança, ao lado do surgimento de possibilidades no amor e no trabalho.

Não menos importante do que os autores acima citados foi Keniston (1971) que conceptualizou a juventude (*youth*) enquanto período continuado de experimentação de papéis na fase que antecede a idade adulta, numa época em que a sociedade era palco de conflitos entre o *self* e a sociedade, bem como de uma *recusa na socialização* (Keniston, 1971). Contudo, a fase transitória da adolescência para a adultez é muito diferente da forma como a conhecemos atualmente.

1.1. O estado atual

Devido ao aumento da esperança média de vida e às mudanças sociais e macroeconómicas que a sociedade atual tem sentido, a transição para a vida adulta tem vindo a modificar-se não só no que concerne a fatores sociais, políticos e económicos, mas também na forma como os próprios jovens vivenciam esta transição, sendo importante considerar as suas características individuais, os seus objetivos de vida, os valores sociais e culturais. Ainda que o *timing* dos ditos marcadores tradicionais continuem a assumir alguma regularidade, estes emergem de distintas formas no percurso de cada jovem. As gerações mais novas podem agora desfrutar de uma maior liberdade para uma auto-exploração que não pressupõe padrões etários rígidos (Coimbra, 2008), possibilitando aos jovens escolher, hoje em dia, quando concretizam a transição para a adultez (Scabini, Marta, & Lanz, 2006). Esta liberdade de exploração é deveras estimulante, na medida em que emergem igualmente grandes esperanças e sonhos. De facto, através da análise da situação americana, Arnett aponta que a característica talvez mais marcante da adultez emergente é a sua grande variabilidade demográfica, que reflete um amplo leque de volição de cada adulto emergente ao longo desta fase transitória. Assim, a adultez emergente é o único período de vida em que nada é normativo demograficamente (Arnett,

2002). O autor descreve esta situação enfatizando o papel dos fatores individuais ou motivacionais, nomeadamente, de assumir responsabilidade pelas suas próprias ações, tomar decisões de uma forma independente ou adquirir independência financeira (Arnett, 2000).

Por outro lado, a ansiedade também se instala e assume relevo, dada a incerteza característica da vida dos jovens, não sabendo muitos destes para onde tais explorações os conduzem (Arnett, 2004). Além disto, os percursos escolares cada vez mais longos em que os jovens portugueses investem, e a consequente entrada no mundo do trabalho cada vez mais tardia, parece contribuir para o prolongamento da emergência na idade adulta sendo socialmente mais aceite o facto de se permanecer em casa dos pais até bem perto da terceira década de vida ou mesmo depois desta. As estatísticas permitem comprovar este facto. Segundo o Eurostat (2008), as mulheres tendem a deixar a casa dos pais mais precocemente do que os homens, sendo que, em Portugal, a idade média de saída de casa é de 28 anos para as mulheres e dois anos mais tarde para os homens. De acordo com a mesma fonte, 80% das jovens mulheres e 85% dos homens entre os 18 e os 24 anos de idade permanecem no lar parental.

Conforme apontam Guerreiro e Abrantes (2007), no nosso país, e ao contrário de outros países europeus, o adiar a saída de casa dos pais *por opção* parece ser inferior ao adiamento como *destino*. De facto, os rendimentos reduzidos e os grandes encargos envolvidos com a manutenção de uma habitação própria são encarados ainda com muito retraimento, tanto pelos jovens como pelas famílias. Além disso, importa também ter em conta a emergência de uma *nova* relação com as figuras parentais. Nas palavras dos autores, os jovens tendem a viver segundo um estatuto de “semi-dependência” que significa uma grande liberdade de ação, mas com poucos encargos financeiros.

Este estatuto de “semi-dependência” alia-se a um ambiente geral de incerteza, risco, conflito e oscilação, dada a *crise* que a economia atravessa, onde se repercutem as condições cada vez mais precárias do emprego e, consequentemente, do nível de vida dos portugueses. De facto, toda esta situação acentua uma descrença na situação do *pleno emprego* (Parada & Coimbra, 1999), sobretudo nos jovens. Não será de estranhar que a avaliação feita pelos participantes, prontos a emergir no mercado do trabalho ou que recentemente tenham nele entrado, não assuma uma perspetiva positiva e segura da situação económica geral. Nas últimas décadas, um número crescente de pessoas tem experienciado um conjunto de dificuldades maiores respeitantes à entrada e permanência no mercado de trabalho, não sendo estes factos unicamente explicados pela falta de

qualificação profissional (Parada & Coimbra, 1999). O simples facto de a taxa de desemprego da União Europeia (27) se situar nos 9,5 pontos percentuais (Eurostat, 2011) constitui um motivo válido para a crescente inquietação face ao futuro profissional, especialmente dos adultos emergentes. Em Portugal, os números do desemprego também têm vindo a aumentar, situando-se em 12,4% no primeiro trimestre de 2011 (INE, 2011), sendo que o valor das mulheres (12,8%) excedeu ligeiramente o dos homens (12,0%). Segundo Azevedo (1999b), cada vez é maior o tempo dedicado à formação inicial das pessoas, e menor o tempo de trabalho, tornando-se progressivamente mais difícil para os jovens preverem o seu percurso vocacional, bem como a obtenção do primeiro emprego. De modo semelhante, é cada vez mais incerto se conseguirão manter o emprego e se este (ou outros que seguirão) estará relacionado com a sua área de formação ou não, já que muitas vezes é necessário o confronto com a eventualidade de mudarem de domínios de atividade ao longo da sua trajetória profissional (Azevedo, 1999b).

2. A adultez emergente como uma nova etapa desenvolvimental

Ao longo desta conceptualização, tem sido enfatizado o modelo proposto por Arnett, que reflete sobre o facto de a estrada para a vida adulta se revelar bastante longa e os seus percursos irregulares e incertos atualmente. Segundo o autor, os cinco principais aspetos que caracterizam a adultez emergente são:

1. É uma idade de *exploração* da identidade ou de moratória psicossocial, de experimentação de vários papéis e possibilidades, especialmente no que respeita ao amor e ao trabalho;
2. É uma idade de *instabilidade* devido às tantas modificações e transições a que estão sujeitos os planos de vida;
3. É a idade de maior *auto-focagem* da vida;
4. É a idade de *transição* (já não ser adolescente, ainda não ser adulto);
5. É a idade de *possibilidades*, onde florescem esperanças, quando a pessoa tem uma oportunidade única de transformar a sua vida (Arnett, 2004).

De forma breve, cada uma destas características será apresentada de seguida.

(1) Para o autor, talvez o aspeto central que caracteriza a adultez emergente é o tempo que o jovem despende para explorar as possibilidades existentes para a sua vida numa variedade de áreas, especialmente no que concerne ao amor e ao trabalho. Este processo de exploração permitirá ao jovem clarificar a própria identidade, ou seja, aprender

mais sobre aquilo que realmente é e aquilo que pretende da vida, oferecendo assim uma ótima oportunidade para a auto-exploração. Os adultos emergentes tornam-se, de facto, mais independentes face aos pais comparativamente aos adolescentes, e muitos deles saem de casa. Porém, não assumindo os duradouros compromissos que a vida adulta acarreta como um emprego estável, o casamento ou a parentalidade. É nesta fase que as experiências relativamente ao trabalho se vão configurando no sentido de levar a conhecer uma ocupação para a vida adulta. Assim, o facto de explorar várias possibilidades de trabalho e investir em comportamentos de exploração vocacional ajudará os adultos emergentes a prepararem-se para o mundo do trabalho e a colocarem questões relativas à sua própria identidade, descobrindo e construindo mais sobre si e a relação com o mundo: “Em que tipo de tarefas eu sou realmente bom? Que tipo de emprego a longo prazo eu acho que seria gratificante para mim?”

(2) A instabilidade marca também presença no período amplo e intenso de exploração dos adultos emergentes. Se, por um lado, se trata de um período onde predomina o sentimento de liberdade de exploração e aplicação de sonhos no que respeita à idade adulta, a instabilidade e a dificuldade em aceder às possibilidades estão também subjacentes.

(3) Dizer que a adultez emergente é um período de auto-focagem não deve ser encarado de uma forma pejorativa. Pelo contrário, é normativo, saudável e temporário. Ao focarem-se em si mesmos, os adultos emergentes desenvolvem competências para a vida diária, adquirirão uma melhor compreensão sobre quem são e o que querem da vida, começando a construir um alicerce para a vida adulta. Deste modo, o objetivo da auto-focagem significa, para Arnett (1996, 2004), *learning to stand alone*, ou seja, aprender a ser autossuficiente e capaz de tomar decisões autónomas. Uma das tarefas mais desafiantes será o assumir da responsabilidade pelos próprios comportamentos, iniciando e dirigindo as ações de acordo com um propósito quer na escola quer na sociedade (Coimbra, 2008).

(4) A transição entre a adolescência e a adultez é um período intermediário entre ambas as fases de vida. Entre a adolescência, quando a maioria das pessoas vive em casa dos pais e estão a frequentar a escola secundária, e entre o início da idade adulta, quando a maioria das pessoas casam, têm filhos e um percurso estável ocupacional definido. Assim, entre as restrições da adolescência e as responsabilidades da idade adulta estão as

explorações e a instabilidade da adultez emergente, onde não se é nem adolescente, nem adulto (Arnett, 2000, 2004).

(5) Apesar das incertezas e da ansiedade que se instala nesta fase de vida, a adultez emergente é a idade das possibilidades. Alguns destes adultos emergentes veem o seu futuro com um bom ordenado, satisfação no trabalho, uma vida amorosa favorável, casamento, filhos. Uma das principais razões que faz com que a adultez emergente seja considerada a idade das possibilidades tem que ver com o facto de muitos destes jovens, apesar de já terem efetivamente saído de casa dos pais, não estão ainda comprometidos com uma rede de relações e obrigações. Este aspeto é particularmente relevante no que respeita às relações familiares entre o jovem e os pais. Por exemplo, se uma família for muito conflituosa e o ambiente caótico, será difícil para o jovem contornar este facto, pois tenderá a regressar a este ambiente desfavorável a cada dia. E, obviamente, os problemas surgem na família como um todo e não apenas num único elemento. Mesmo para as famílias consideradas funcionais, espera-se que os adultos emergentes tenham a oportunidade de se transformar não unicamente à imagem dos seus pais, podendo tomar decisões independentes relativamente ao que querem ser e ao que querem das suas vidas (Arnett, 2004).

Ainda que não desprovida de críticas (e.g., Côté e Bynner, 2008; Bynner, 2005; Hendry, & Kloep, 2010), para Arnett parece indiscutível que a idade média do casamento e a parentalidade tem aumentado gradualmente nos últimos anos, em todos os países industrializados; que atualmente cada vez mais jovens obtêm algum tipo de formação pós-secundária; e que a mudança de emprego, de parceiro amoroso e de residência é algo que acontece com muito mais frequência e facilidade ao longo da segunda década de vida do que em qualquer outra fase desenvolvimental. Com efeito, é importante que floresça um novo termo, com um significado distinto, que identifique este período (Arnett, 2006). Existem algumas evidências de pesquisas realizadas em diferentes países que, de facto, sugerem que um grande grupo de jovens experienciam o estadió que Arnett propõe (e.g., Facio & Micocci, 2003, Mayseless & Scarf, 2003).

Mas, como apontam Côté e Bynner (2008), o surgimento de um estadió isolado, caracterizador da adultez emergente, requer o reconhecimento da heterogeneidade desta população de adultos emergentes, bem como dos seus componentes estruturais. Para os autores, o período da adultez emergente poderá ser melhor explicado por barreiras

económicas, destruturação normativa da sociedade, bem como as características individuais para superar essas barreiras. Será, portanto, fundamental ter em conta as interações de vários elementos, tais como as experiências individuais de vida, relacionamentos, mudanças económicas e sociais, forças estruturais e um mercado de trabalho, para compreender a diversidade de respostas para extensos períodos de mudança, incluindo a transição para a adultez (Hendry, & Kloepe, 2010).

3. Expectativas e escolhas dos adultos emergentes face aos objetivos do trabalho e família

Entrar no mundo do trabalho e constituir família são, desde há muito, aspetos centrais no que concerne a marcadores da entrada na vida adulta. Em gerações anteriores estes papéis de trabalhador e homem ou mulher de família não só eram tidos como certos para a maioria das pessoas, como também eram caracterizados quase como irrevogáveis, ou seja, uma vez assumido o compromisso, esperavam-se que fosse para toda a vida. A incerteza que caracteriza a adultez emergente reflete-se na forma como a vida adulta é antecipada, sendo que um investimento cada vez mais prolongado da formação académica surge como a melhor forma de lidar com o emprego precário (Coimbra, 2008). Para estes jovens, os objetivos de vida podem ser muito diversificados. Enquanto se é adulto emergente, pode realmente ser importante ter uma relação romântica estável, ou ter bons amigos com os quais se possa contar em momentos mais difíceis. Por seu lado, poderá ser ainda mais importante o sucesso no curso ou no trabalho que se está a desempenhar e muito menos importante o facto de ter filhos. É certo que em muito podem variar estes níveis de importância, contudo, hoje em dia poderá esperar-se uma maior ênfase na realização profissional (que estará associada à realização pessoal) durante esta fase de transição para a adultez.

4. Estudante do ensino superior e adultez emergente

Ainda para muitos jovens portugueses a progressão dos estudos não faz parte dos seus objetivos de vida, pois acabam por não enveredar pelo ensino superior, e por começar a vida de trabalho muitas vezes antes de terminar o ensino obrigatório (12º ano). Segundo Azevedo (1999), existem alguns autores que apontam razões para a resistência por parte de algumas famílias face à permanência na escola. A procura de mão de obra barata e indiferenciada por parte de empregadores, a existência de famílias muito pobres e com baixos níveis de escolarização, que lançam os filhos precocemente no mundo de trabalho

de forma a equilibrar o orçamento familiar, as expectativas dos próprios adolescentes que preferem uma afirmação e integração pessoais pela vida do trabalho, são algumas dessas razões. Da mesma forma, é através do trabalho que muitas das crianças são socializadas no decorrer da sua adolescência, sendo o trabalho encarado em meios rurais e operários como a “escola da vida” (Pais, 2001). A grande maioria dos países desenvolvidos tem vindo a pôr em prática medidas políticas, que pretendem acompanhar e apoiar os jovens que abandonam ou pretendem abandonar a escola prematuramente, através de um processo de inserção profissional. Os objetivos prendem-se, essencialmente, por facultar a conclusão da escolaridade básica, proporcionar uma qualificação profissional inicial, e preparar a inserção no mundo do trabalho. Muitos jovens optam por concluir o ensino em escolas profissionais que têm na base estes objetivos e que oferecem um vasto leque de especializações e cursos profissionalizantes.

No entanto, apesar de atualmente ser notória a crescente frequência dos jovens nas universidades, procurando mais e melhores qualificações, tal não é sinónimo de sucesso profissional futuro, já que mais escolarização não significa necessariamente uma transição mais fácil para o mercado de trabalho (Mendonça, 2007). Segundo aponta Pais (2001), atualmente, o saber perdeu o seu sentido de fim em si mesmo, transformando-se num simples instrumento de mobilidade social. A massificação do ensino provocada pela democratização do mesmo, e a generalização dos estudos universitários, criam nos jovens expectativas elevadas dessa mobilidade social. Porém, muitos desses jovens, não podem desfrutar dos status-laborais correspondentes aos seus títulos académicos, o que revela a frustração consequente de muitos jovens. Ora, devido à seletividade das universidades, muitos jovens acabam por não estudar aquilo que gostam, ou trabalhar naquilo que não estudaram. A educação passa a constituir não só um mero instrumento de mobilidade social mas antes como uma oportunidade de enriquecimento e realização pessoal, como refletido em cima.

Ainda que o período da adultez emergente corresponda à faixa etária estudada sobretudo em contexto de ensino superior, Arnett (2002, 2006) defende que a sua proposta é válida, da mesma forma, quando se trata de pessoas que não prosseguem os seus estudos para além do ensino secundário, na medida em que os princípios subjacentes ao seu modelo são universais. De facto, se a frequência do ensino superior fosse um requisito obrigatório para a concretização desta tarefa desenvolvimental, tal não constituiria um avanço na compreensão do desenvolvimento humano como é atualmente.

Porém, é necessário ter em conta o papel do ensino superior e o impacto que poderá ter na transição para a idade adulta, ou seja, no desenvolvimento do adulto emergente. Com efeito, não será apenas a existência das características universais que poderá estar associada a diferenças em aspetos desenvolvimentais, mas também os contextos (Monteiro, Tavares, & Pereira, 2009), como a frequência do ensino superior.

Obviamente que a frequência da universidade tem um efeito no desenvolvimento do adulto emergente. Quem estuda tenderá a adiar o facto de constituir família, ou seja, a casar e ter filhos, questão esta que é atendida pela investigação. De facto, tanto o autor (Arnett, 2006) como outros investigadores (Gore et al., 1997; Monteiro, Tavares, & Pereira, 2009) têm refletido sobre o estudo de jovens que não são estudantes universitários.

Segundo Arnett (2006), ainda é necessária uma extensa investigação de forma a contemplar aqueles que não obtêm educação superior e/ou casam e têm filhos relativamente cedo. Experimentarão a adultez emergente? Segundo o autor, grande parte destes jovens passam por esta fase, embora a mesma possa ser curta. De acordo com entrevistas realizadas com adultos emergentes nos EUA, Arnett (2004, 2006) refere que aqueles que não frequentaram um nível superior de educação são semelhantes em muitos aspetos-chave àqueles que obtiveram uma graduação superior, ainda que existam diferenças no conteúdo das experiências e das escolhas que são realizadas (e.g., nas explorações identitárias os estudantes escolhem um percurso na base do investimento educacional, ao passo que os adultos emergentes “não-estudantes” escolhem a emergência no mundo do trabalho).

5. A importância da família na transição para a adultez

As expectativas e a importância dos recursos pessoais internos e externos, em particular o suporte social proporcionado pela família, poderão fazer a diferença no modo como os jovens planificam o futuro, sendo relevante perceber e clarificar a importância do papel da família.

As relações mais próximas e significativas, desempenham um papel essencial no bem-estar subjetivo de qualquer pessoa, tendo surgido recentemente um grande interesse na investigação em compreender de que forma estas relações na infância, nomeadamente com os pais e outros adultos significativos, poderão estar ligadas aos padrões de relacionamento em períodos de vida posteriores, como a adolescência, a transição para a idade adulta e mesmo a adultez. A família, que assume um papel primordial em idades precoces do desenvolvimento, não deixa de o assumir em fases posteriores como a

transição para a idade adulta pois, tal como qualquer criança, um adulto emergente tem necessidades emocionais e afetivas. Quando se fala em relações afetivas, mais especificamente as relações familiares, tendo em conta um ponto de vista psicológico, é quase incontornável a abordagem à teoria da vinculação. De facto, esta teoria tem vindo a desempenhar um papel muito importante na compreensão das relações interpessoais. O estudo da vinculação associado a John Bowlby e Mary Ainsworth contribuiu, de forma decisiva, para a elaboração de uma abordagem científica sobre o estabelecimento e rutura das relações de vinculação. Esta abordagem teórica assenta no pressuposto que todo o ser humano tem necessidade de desenvolver ligações afetivas de proximidade ao longo do ciclo vital, de forma a obter a segurança que permitirá explorar o *self*, os outros e o mundo de forma segura (Bowlby, 1980). Ainda que inicialmente os estudos estivessem centrados na vinculação na infância, mais recentemente assiste-se a um crescente interesse pelas abordagens conceptuais da vinculação no jovem e no adulto. Bowlby (1980) tinha já reconhecido a importância do processo de vinculação ao longo de todo o desenvolvimento humano.

Outra abordagem teórica que se evidencia no estudo da qualidade da relação parental é a perspectiva sistémica, na qual a família é vista como um sistema social aberto e auto-organizado, e representa uma rede complexa de relações e de emoções. Considerando esta abordagem, um sistema aberto troca informação, matéria e energia com o meio envolvente, estando em equilíbrio, tornando-se simultaneamente possível a mudança e evolução. Já num sistema fechado não ocorre uma interação com o meio circundante (Skyttner, 2005). Com efeito, uma família como um sistema aberto, é também um *todo* sendo mais do que a simples soma dos seus elementos. É um sistema que faz parte de outros sistemas, integrando outros contextos e sistemas mais vastos. Dentro do sistema familiar existem subsistemas, nomeadamente o individual (constituído por um elemento membro da família); o parental (representado pelo pai e pela mãe), e o fraternal (constituído pelos irmãos). Como estes subsistemas estão interligados, quando existem problemas num determinado subsistema (e.g., díade mãe-pai), esses problemas não estão confinados apenas a essa relação, pois acabam por afetar os outros elementos ou subsistemas (e.g., relação pai-criança) (Amato & Sobolewski, 2007).

Cada família nuclear percorre várias etapas desenvolvimentais, características de um ciclo vital que sofre alterações ao longo do tempo, na sua estrutura e composição, e tem de se adaptar às mudanças que surgem. Estas mudanças, mais ou menos acentuadas e geradoras de *stress*, poderão possibilitar evolução e continuidade. São as chamadas *crises*

que causam grande *stress* na vida familiar e resultam das exigências internas ou externas do sistema familiar, das próprias etapas do ciclo de desenvolvimento, ou de fontes de *stress* accidental que de alguma forma interferem no caminho da família ao longo do seu ciclo vital (Relvas, 1996, 2007). Mesmo podendo assumir contornos de conflito, a família não deixa de ser um espaço emocional por excelência onde a pessoa cresce e se desenvolve.

A perspectiva sistémica da família, aplicada às dimensões do comportamento de exploração vocacional, propõe que a competência para tomar decisões vocacionais apropriadas para os jovens adultos pode estar diretamente relacionada com a qualidade das interações familiares, fronteiras, e interdependências emocionais perpetuadas no seio da família (Hargrove et al., 2002). Assim, os contextos familiares que proporcionam um clima de confiança, que comunicam abertamente os problemas emergentes do sistema familiar, que proporcionam situações de partilha em momentos de encontro familiar de forma a responder às necessidades de cada elemento, e que garantem um suporte emocional seguro aos filhos, favorecem, independentemente do género, o desenvolvimento vocacional saudável dos filhos. Por outro lado, nos contextos familiares onde se gera um ambiente psicossocial pautado por uma comunicação reduzida, onde não se dá oportunidade à expressão de sentimentos e experiências, onde predomina o conflito, a violência física e/ou verbal, criam-se barreiras ao desenvolvimento vocacional (Gonçalves & Coimbra, 1994, 2007), à exploração de oportunidades, e possibilidade de crescimento profissional e mesmo pessoal. Neste tipo de famílias não existe uma definição de fronteiras entre os vários subsistemas, proporcionando-se invasões abusivas da privacidade e o não respeito pelos vários elementos do sistema familiar. Como tal, a chantagem emocional, a anestesia afetiva e negligência dos outros significativos, gera desestruturação familiar. Mais ainda, nestes contextos, os filhos percecionam como irrelevante a influência dos pais nos seus projetos vocacionais, dando mais importância às experiências de exploração realizadas fora do contexto familiar, nomeadamente, junto dos pares (Gonçalves & Coimbra, 1994).

Como já foi mencionado acima, os problemas que afetam o subsistema conjugal têm implicações nas relações pai-criança ou mãe-criança. De facto, quando os pais estão divorciados ou quando existe atrito na relação conjugal, a criança está mais propensa a relatar sentimentos emocionais de afastamento. Estas consequências na relação pai/mãe-criança mantêm-se ao longo da idade adulta. Assim sendo, muitos jovens que tiveram experiências em famílias divorciadas e/ou conflituosas poderão vivenciar a transição para a idade adulta sem o apoio de ambas as relações de proximidade – pai-criança e mãe-criança (Amato & Sobolewski, 2007). As crianças que estão inseridas num meio familiar onde

predomina um elevado nível de conflito estão em risco de desenvolverem uma série de distúrbios emocionais, problemas interpessoais, e distorções no processamento do pensamento. Deste modo, o conflito parental surge como uma característica central da vida familiar e tem importantes implicações na socialização da criança e, conseqüentemente, em fases posteriores como a adolescência e a adultez (Cummings & Davies, 1994).

Em suma, o conflito é um acontecimento normal no quotidiano de uma família, inclusive naquelas que são harmoniosas e funcionais. Por isso, ainda que possa existir um subsistema conjugal em conflito, não significa que não existam boas relações com as crianças, nem uma permanência da responsividade ao seu bem-estar (Cummings & Davies, 1994), assim como no divórcio. Cada pessoa tem um papel ativo na construção que faz do mundo. Deste modo, os acontecimentos de vida, sejam positivos ou negativos, dependem muito da forma como vão ser geridas e interpretadas essas “construções” associadas a mudanças biopsicossociais normativas ou a acontecimentos pontuais da vida do sujeito. Enquanto o conflito intra-familiar é um preditor do desenvolvimento de problemas na criança, obviamente, nem todas as crianças ou adolescentes expostos a elevados níveis de conflito parental desenvolvem problemas psicológicos, comportamentais ou emocionais (Cummings & Davies, 1994).

6. A importância da qualidade da relação parental nas dimensões do comportamento de exploração vocacional

Antes de mais, importa esclarecer o construto relativo à exploração vocacional. Este, segundo Campos e Coimbra (1991) é um processo psicológico fundamental, através do qual é possível compreender o desenvolvimento vocacional, mediante a relação da pessoa com o mundo e da progressiva modificação e reconstrução das suas trajetórias, pela exploração, procura, questionamento e experiencição. O desenvolvimento vocacional, segundo uma perspectiva ecológico-desenvolvimental, processa-se ao longo de todo o ciclo vital, na relação que a pessoa estabelece com o mundo, construindo significados idiossincráticos. É, pois, a qualidade destas experiências exploratórias e desafiantes, proporcionadas pelos contextos de vida que dependerá a qualidade do desenvolvimento vocacional (Gonçalves & Coimbra, 1994, 2007).

A investigação mais recente neste âmbito coloca a ênfase em variáveis de carácter mais psicológico, envolvendo a relação com os pais, como a individuação, as percepções dos pais e dos filhos sobre o ambiente familiar e o comportamento dos pais face à

exploração vocacional dos filhos (e.g., Dietrich & Kracke, 2007; Kracke, 1997; Noack et al., 2001) e não apenas os fatores sociais relacionados com a família, como por exemplo, o nível sócioeconómico, o tipo de emprego e educação dos pais. Deste modo, a qualidade da interação da família de origem desempenha um importante papel na definição estável e clara dos objetivos vocacionais dos filhos, e na promoção da sua auto-confiança relativamente à formulação dos planos de atividades profissionais.

Os pais tendem a transmitir à sua descendência valores acerca da realidade do mundo do trabalho, ou seja, aquilo que para si é importante para se conseguir sucesso profissional. Portanto, é possível constatar que para os pais provenientes de níveis sócioeconómicos mais altos é atribuído mais valor à autonomia dos filhos, e proporcionadas mais experiências de exploração, centradas na autonomia e assertividade. Por seu turno, famílias de níveis sócioeconómicos mais baixos, onde o sucesso profissional depende em grande parte da conformidade à autoridade, as atitudes de obediência são mais valorizadas na educação dos filhos, sendo que as oportunidades de exploração vocacional, e as expectativas de formação e sucesso profissional, são reduzidas (Hoffman, 1984; Imaginário, 1990, cit in, Gonçalves & Coimbra, 1994). De salientar ainda que nem todos os jovens têm a mesma facilidade de aceder às oportunidades de exploração. O que muitas vezes acontece é que não existe a possibilidade de estabelecer uma relação de experiência direta com as realidades das formações ou profissões. Em alguns casos, esta exploração é uma vantagem resultante da pertença a uma família de nível sócioeconómico mais elevado. Assim, aqueles que pertençam a estatutos sócioeconómicos mais baixos, poderão estar impedidos de alargar o período de exploração vocacional, pois, para além dos constrangimentos económicos que existem, as expectativas relativamente aos níveis de formação e profissão provenientes da família vão, muitas vezes, no sentido de colmatar as carências sociais de origem (Smith, 1983, cit in Gonçalves, 1994).

A exploração, autoeficácia, identidade vocacional, e dificuldades na tomada de decisões constituem aspetos centrais no desenvolvimento da profissão de qualquer jovem (Hargrove et al., 2002) e têm sido frequentemente estudados como sendo influenciados pela qualidade da relação entre os jovens e os seus pais. Segundo Super (1980, cit in Dietrich & Kracke, 2009), os comportamentos de exploração de profissões são reconhecidos como adaptativos e cruciais durante o período exploratório da adolescência. De facto, estes comportamentos são muitas vezes considerados como uma forma adequada para a construção do próprio *self* e do mundo do trabalho. Dado que esta é uma dimensão crucial para o processo de transição para a adultez, serão apresentados alguns resultados da

literatura neste âmbito. Porém, são escassos os estudos realizados no sentido de compreender os principais mecanismos através dos quais é possível conhecer o impacto que os pais têm no desenvolvimento vocacional dos filhos (Dietrich & Kracke, 2009).

No que respeita ao estudo do papel dos pais no desenvolvimento dos jovens, as diferenças de género têm sido alvo de algum foco de interesse. No que concerne à exploração das profissões, Kracke (1997) refere que o comportamento de apoio por parte dos pais leva a que o efeito seja o mesmo, independentemente do género do jovem e do nível de educação parental. Assim, relativamente à influência do comportamento parental na exploração das profissões por parte dos filhos, verifica-se que uma maior responsividade na infância, relações de reciprocidade, apoio entre pais e filhos, estão diretamente relacionados com uma exploração mais ativa (Kracke, 1997).

Um estudo realizado por Guay, Senecal, Gauthier e Fernet (2003), suporta a ideia de que os pares e os pais desempenham um importante papel no que concerne ao apoio na autonomia, ou seja, possibilitando a escolha, informações e/ou a participação em atividades diversas, de forma a promover o desenvolvimento dos níveis de confiança no que diz respeito à tomada de decisão na carreira. Adicionalmente, estes comportamentos de apoio, promovem o desenvolvimento da autonomia percebida pelo jovem (Guay et al., 2003). Por seu lado, Dietrich e Kracke (2009) constataram que as perceções dos jovens face aos comportamentos dos seus pais, relacionados com a carreira, podem ser seguramente avaliados nas dimensões de apoio, interferência e falta de envolvimento.

Outros fatores, para além da qualidade das relações familiares, de cariz mais psicossocial, como a situação financeira das famílias, a adaptação financeira e a satisfação política dos membros da família podem, de facto, estar relacionadas com as perceções de incerteza societal. Os resultados encontrados num estudo levado a cabo por Noack e colaboradores (2001), com uma amostra alemã, sugerem que são essencialmente a situação financeira da família e a satisfação dos participantes no estudo face ao sistema político dominante no país que explica as experiências de incerteza. Assim, os participantes politicamente mais satisfeitos demonstraram baixos níveis de incerteza, sendo que, o rendimento disponível para a família estava negativamente relacionado com a incerteza percebida na sociedade.

Por fim, pode afirmar-se que a família exerce uma força considerável e importante no que respeita à promoção de comportamentos de procura e exploração vocacional, sendo um importante “motor” de exploração neste âmbito.

Capítulo II – Estudo empírico

1. Metodologia

1.1. O problema . . .

A transição para a adultez tem sido alvo de diversos estudos na atualidade (e.g. Arnett & Tanner, 2000; Arnett, 1996, 2002, 2004; Coimbra, 2008; Thönnissen et al. 2008a; 2008b; Scabini, Marta, & Lanz, 2006), tendo sentido várias mudanças ao longo do tempo. Na sociedade portuguesa observa-se um adiamento da entrada na vida adulta, fazendo emergir um período de moratória que se prolonga para além da segunda década de vida (Guerreiro & Abrantes, 2007). Este período de moratória associado a uma disseminação de inovações tecnológicas que se tem verificado essencialmente nos países mais industrializados e o crescente acesso à informação e a todo um conjunto vasto de recursos, leva a um maior grau de convergência entre formas de ser jovem e de viver a transição para a adultez. Em sociedades envelhecidas, como é o caso de Portugal, as populações mais jovens vão sendo cada vez mais valorizadas sendo cada vez maior a ênfase colocada na educação e preparação do futuro (Guerreiro & Abrantes, 2007). Assiste-se, pois, a um alargamento dos estudos como tentativa de melhor lidar com a incerteza face a um futuro cada vez mais exigente. Porém, é importante considerar não só os jovens que seguem uma via de ensino superior, mas também aqueles que enveredaram por outras trajetórias. Na medida em que grande parte dos estudos encontrados em adultos emergentes incide sobre populações universitárias, o presente estudo pretende dar um contributo neste sentido, comparando uma amostra de adultos emergentes universitários e uma amostra de adultos emergentes que enveredaram por outras trajetórias, tendo também como preocupação central a exploração das diferenças de género e idade. Partindo deste facto, a questão fundamental deste trabalho assenta na tentativa de melhor compreender de que forma a perceção da qualidade da relação com cada um dos pais se relaciona com as dimensões do comportamento exploratório vocacional dos participantes, com a importância atribuída no momento atual a vários aspetos da vida¹ (ter amigos, ter uma relação estável, ter sucesso no curso, ter tempos livres ou ter filhos), e com a importância dada a aspetos quando se considera a escolha de uma futura profissão² (e.g., a proximidade física de figuras significativas; a realização de projetos profissionais; evitamento da mobilidade para ter um emprego).

¹ Esta dimensão será definida ao longo do trabalho como: *importância do trabalho e família*.

² Esta dimensão será definida ao longo do trabalho como: *objetivos do trabalho e família*.

1.2. Objetivos

O objetivo que rege este trabalho pretende dar um contributo no sentido de melhor compreender a transição para a idade adulta atualmente, considerando a importância da qualidade da relação parental percebida pelos participantes, dimensões do comportamento de exploração vocacional e importância dada a projetos futuros quando se considera a escolha de uma futura profissão. Para tal pretende-se: (1) realizar uma análise diferencial relativamente a variáveis importantes para observar expectativas face a projetos futuros (Opinião acerca da situação económica geral; Importância atribuída ao trabalho e à família; Objetivos em relação ao trabalho e à família) em função do género e nível de escolaridade; (2) explorar a relação entre a perceção da qualidade das relações dos adultos emergentes com ambos os pais e a dimensão da exploração vocacional e de projetos futuros, tendo em conta o nível de escolaridade; (3) averiguar o poder preditivo da qualidade da relação com o pai e com a mãe em outras áreas de vida do adulto emergente, tendo em linha de conta de que forma um conjunto de variáveis da qualidade da relação com os pais (*intimidade, conflito, poder relativo, satisfação com a relação, apoio, afeto, ajuda instrumental e admiração relativamente ao pai e à mãe*) estão relacionadas com as dimensões da exploração das oportunidades e informações relativas às profissões;

1.3. Variáveis

Nas análises diferenciais realizadas, as variáveis dependentes tidas em conta foram a (a) perceção da qualidade da relação com cada uma das figuras parentais, (b) opinião acerca da situação económica geral, (c) importância atribuída ao trabalho e à família, (d) as dimensões do comportamento de exploração vocacional, e (e) os objetivos em relação ao trabalho e à família. As variáveis independentes analisadas foram o género, a idade e o nível de escolaridade (um grupo de participantes universitários e um outro grupo que não enveredou pelo ensino superior).

1.4. Questões e algumas hipóteses de investigação

Em função da problemática que emerge neste trabalho e dos objetivos propostos, levantaram-se questões e elaboraram-se hipóteses condutoras da presente investigação. Algumas das mesmas assumem um carácter exploratório, dada a ausência ou raridade de estudos empíricos que abarcam as variáveis consideradas.

1.4.1. Diferenças em função do género

A segunda metade do século XX tem testemunhado um esforço pelo alcance de uma maior igualdade de género, no que concerne à educação e ocupações profissionais (Hyde & Durik, 2005), verificando-se um atenuar progressivo das diferenças entre os géneros masculino e feminino (Gonçalves, 1997). As diferenças de género que, há algum tempo atrás, implicavam formas distintas de socialização de rapazes e raparigas, preparando-os para contributos sociais delineados, atualmente têm vindo a esbater-se (Guerreiro & Abrantes, 2007). No entanto, não se pode descurar a ideia de que continuam a existir diferenças entre ambos os géneros, em várias esferas de vida e do funcionamento psicológico (Oliveira, 2008) sendo interessante continuar a explorar em que medida essas diferenças se estabelecem.

No que respeita à perceção da qualidade da relação parental, poucos estudos têm focado esta dimensão com adultos emergentes, sendo que a grande maioria dos resultados remete para populações mais jovens (crianças e adolescentes). Tendo em consideração estes últimos, as raparigas tendem a reportar o estabelecimento de uma relação com as mães caracterizada por maior apoio comparativamente com os rapazes (Furman & Buhrmester, 1992). A ligação socioemocional positiva existente entre as raparigas e a figura materna, parece refletir a proximidade típica das relações com a figura parental do mesmo género, como os rapazes reportam, por comparação, uma perceção de maior apoio por parte da figura parental masculina (Noack, 1995, in Noack & Buhl, 2005). Espera-se então que as raparigas percecionem uma relação de maior apoio por parte das mães e os rapazes percecionem uma relação de maior apoio por parte dos pais. Segundo o mesmo estudo, as raparigas parecem percecionar menos conflito e mais intimidade na relação com as mães, enquanto que os rapazes apresentam perceções mais positivas no que diz respeito à relação com a figura paterna (Noack & Buhl, 2005). Por seu turno, espera-se que os rapazes experienciem mais poder relativo nas relações com as figuras parentais do que as raparigas (Furman & Buhrmester, 1992; Noack & Buhl, 2005).

No que concerne às expectativas dos jovens face à dificuldade e segurança relativa à emergência ou permanência no mercado do trabalho, não foram encontrados estudos onde as diferenças de género fossem apontadas. Assumindo uma postura exploratória, espera-se que não hajam diferenças significativas entre ambos os géneros. Quanto à importância atribuída pelos participantes, no momento atual, aos vários aspetos da vida, ainda numa linha exploratória, questiona-se se serão observadas diferenças entre rapazes e raparigas?

Quanto ao efeito do género na *exploração vocacional*, a investigação mostra resultados pouco esclarecedores. Em estudos realizados (Kracke, Dietrich, & Noack, 2008; Thönnissen et al., 2008b) com adultos emergentes, as raparigas parecem ter valores mais elevados na exploração vocacional. Por seu turno, um outro estudo realizado com jovens portugueses do 9º e 12º anos (Sobral, Gonçalves, & Coimbra, 2009), aponta para a não existência de diferenças significativas de género em relação aos comportamentos vocacionais. Será então que se pode esperar que não existam diferenças entre rapazes e raparigas face aos comportamentos de exploração vocacional?

No que concerne aos objetivos considerados pelos adultos emergentes mais relevantes na escolha de uma futura ou atual profissão, um estudo anterior (Brandão, 2010) aponta para a existência de um efeito significativo do género, sendo que os rapazes colocam a ênfase quer na proximidade geográfica de familiares e amigos quer na realização profissional que possa implicar distância geográfica, apresentando valores mais elevados do que as raparigas. Por sua vez, estas não revelaram ênfase em nenhuma de ambas as dimensões.

1.4.2. Diferenças em função da idade

Relativamente às diferenças de idade, pretende-se explorar em que medida existem diferenças nos vários domínios considerados neste estudo, tendo em conta um grupo de adultos emergentes mais novos (com idades entre os 18 e os 21 anos) e um grupo dos adultos emergentes mais velhos (com idades entre os 22 e os 30 anos). Assim, será que a idade exerce efeito nas dimensões da qualidade da relação parental (afeto, valorização, satisfação; apoio e intimidade; conflito, e poder relativo)? Será que tanto os adultos emergentes mais novos como os mais velhos avaliam negativamente a situação económica e a dificuldade que daí advém em conseguir emprego estável? Serão observadas diferenças entre o grupo dos mais novos e o grupo dos mais velhos relativamente à importância dada, no momento atual, a vários aspetos da vida (e.g., ter amigos, ter uma relação romântica estável, ter sucesso no curso)?

1.4.3. Diferenças em função da escolaridade

As possíveis diferenças em função da escolaridade constituem um ponto fulcral neste estudo. O modelo teórico da adultez emergente tem contribuído para uma melhor compreensão desta tarefa desenvolvimental que é a transição para a idade adulta. Contudo, é fundamental ter em conta que os estudos realizados geralmente contemplam populações

universitárias (e.g., Arnett & Tanner, 2000; Arnett, 2002, 2004; Brandão, 2010; Scabini, Marta, & Lanz, 2006; Thönnissen et al., 2008a, 2008b). Ainda que inegavelmente “uma grande fatia” dos jovens siga por um caminho universitário, uma “outra fatia” integra jovens que não seguiram pela via de ensino superior, optando por um ensino profissionalizante ou mesmo a saída da escola. De facto, é cada vez maior a exigência que o mundo do trabalho acarreta ao nível da educação, levando os jovens a investir cada vez mais na sua formação. Se estes optam por não apostar na sua formação, não seguindo pelo caminho do ensino superior, dada a incerteza que a sociedade atual transmite ao nível laboral, levanta-se a questão acerca da perceção que estes jovens têm da situação económica atual. Será que esta é mais negativa comparativamente aos estudantes universitários que investem na sua formação e terão maior probabilidade de encontrar um emprego qualificado? Por outras palavras, será que os adultos emergentes universitários avaliam a situação económica de forma mais positiva comparativamente aos adultos emergentes que seguiram outras trajetórias?

Afigura-se interessante referir que, segundo o Eurostat (2010), Portugal foi o país da UE (27) que teve o maior decréscimo na educação superior (terciária), tendo descido de 20,4% (2003) para 17,9% (em 2008), ficando abaixo da média da UE que é 20,4%.

Remetendo de seguida para a escala de *importância do trabalho e família*, pretende-se perceber se os vários aspetos da vida considerados (e.g., ter amigos, ter uma relação romântica estável, ter sucesso no curso, ter tempos livres, ter filhos) variam entre os adultos emergentes universitários e aqueles que enveredaram por outras trajetórias.

Por seu turno, pretende-se também conhecer o efeito da escolaridade na forma como os jovens recolhe(ra)m informações acerca das profissões (*exploração vocacional*). Será que existem diferenças nos comportamentos de exploração vocacional entre ambos os grupos de participantes?

Quanto aos objetivos considerados pelos adultos emergentes como mais relevantes na escolha de uma futura ou atual profissão, levanta-se a questão: será que os adultos emergentes que seguiram para o ensino superior enfatizam a realização profissional (i.e., por um bom emprego estar disposto a ir para longe da cidade natal; desejo de realizar os respetivos projetos profissionais) em detrimento da proximidade física das pessoas significativas (i.e., é importante que amigos e conhecidos trabalhem perto; um emprego que exija mobilidade está fora de questão)?

1.4.4. Relação entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional, e objetivos trabalho e família (em função do género e da escolaridade)

O contexto familiar, na sua globalidade, exerce grande influência no processo de desenvolvimento vocacional dos jovens, constituindo um contexto decisivo e primordial na aquisição de competências de vida, mais concretamente, relativas ao comportamento exploratório vocacional (Gonçalves, 1997).

No que respeita à relação entre exploração vocacional e a qualidade da relação parental, não foram encontrados muitos estudos em adultos emergentes. Contudo, a investigação realizada com populações mais jovens parece apontar para a existência de um efeito significativo do apoio parental na exploração vocacional (Hargrove, Creach, & Burgess, 2002; Kracke, 1997³; Kracke, Güre, & Dietrich, 2008; Thönnissen et al., 2008b). Tendo em conta estes estudos, espera-se que os adultos emergentes que reportam uma elevada capacidade na procura de informações acerca das profissões, dos seus interesses e possibilidades, também tendam a avaliar a qualidade da relação com as figuras parentais como baseadas no apoio, suporte e ajuda instrumental. Será que se pode esperar que as dimensões de apoio e ajuda instrumental relativamente à relação com cada um dos pais estejam positivamente associadas a uma maior procura e exploração das profissões/trabalho, ou seja, maiores níveis de comportamentos de exploração vocacional? De facto, a qualidade da relação com a mãe e com o pai, caracterizadas por satisfação, intimidade e afeto, parecem predizer negativamente os níveis de conflito (Mota & Matos, 2010). Levanta-se então a seguinte questão: será que as dimensões positivas da relação parental estão positivamente relacionados com a exploração vocacional nos adultos emergentes? E será que esta perceção positiva da relação parental implica uma maior importância dada à proximidade física no momento da escolha de profissões futuras, fazendo com que o jovem evite empregos que exigem muita mobilidade (e.g., mudança de casa, viagens). Ou, pelo contrário, os jovens tendo uma base segura no seio familiar, também estão mais abertos e predispostos à saída de casa e exploração do mundo, sabendo que sempre poderão contar com o apoio familiar independentemente de estarem longe ou não de casa.

³ Este estudo remete para as questões do estilo de comportamentos parentais, e mais particularmente a forma como são avaliados pelos adolescentes. As principais conclusões remetem para o facto de um estilo de educação parental autorizado, que reflete responsividade, suporte e autonomia propiciam a exploração vocacional.

1.4.5. Relação entre a qualidade da relação parental e a importância do trabalho e família (em função do género e da escolaridade)

A relação pais-criança é um dos laços emocionais mais duradouros e mais fortes (Bowlby, 1980) o que suscita particular interesse no mundo da investigação em que se coloca a ênfase nas perceções das crianças e adolescentes relativamente às relações com as figuras parentais (e.g., Furman, et al., 2002; Furman & Buhrmester, 1985; Kostecky, 2005; Laursen & Mooney, 2005). Com os adultos emergentes tem-se verificado também um interesse crescente na investigação, sendo que muitas vezes esta faixa etária assume outras definições como por exemplo, jovens adultos. As questões que se levantam tendo em conta as dimensões aqui contempladas, são as seguintes questões: será que se pode esperar a existência de uma associação positiva entre as dimensões positivas da relação parental e os aspetos considerados importantes no momento atual para os adultos emergentes? Existirá uma diferença entre os padrões de associação entre rapazes e raparigas e entre cada uma das figuras parentais?

1.5. Participantes

A amostra utilizada neste estudo é constituída por 294 participantes em que 156 são do sexo feminino (53.1%), 137 são do sexo masculino (46.6%) e um participante não reportou esta informação. As idades são compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 21.6$, $DP = 3.16$), sendo que 170 participantes têm entre 18 e 21 anos de idade (57.8%), 112 têm entre 22 e 30 anos (38.1%) e 12 participantes (4.1%) não forneceram informação relativa à idade. Quanto à escolaridade, o número de participantes da amostra que frequentam um curso superior ou politécnico é de 153 (52%). Dos restantes 141 participantes que não frequentam o ensino superior, 77 (26.2%) frequentam um curso técnico, profissional ou artístico; 3 (1%) frequentam o ensino secundário geral; 38 (12.9%) estão em formação profissional; 9 dos respondentes (3.1%) terminaram a escola (sem ensino superior) e não estão a trabalhar; e 14 (4.8 %) não forneceram informação sobre a sua escolaridade⁴. De forma a complementar a amostra de adultos emergentes que não frequentam o ensino superior e comparar com uma amostra de adultos emergentes universitários, foram anexados à amostra recolhida e descrita anteriormente, 150 participantes (sensivelmente metade da amostra total contemplada no presente trabalho) da

⁴ Afigura-se importante esclarecer que estes 14 participantes não constituem a amostra universitária, na medida em que esta foi escolhida tendo sido assegurado o critério da escolaridade superior. Assim, estes 14 participantes serão estudantes de escolas profissionais que simplesmente não assinalaram a devida questão, fazendo parte dos participantes que enveredaram por outras trajetórias.

base de dados construída para a realização de estudos no âmbito do projeto YAGISSP. Houve também o cuidado de conseguir uma amostra equilibrada relativamente ao género dos participantes. Segundo a análise do *Qui-quadrado*⁵, a proporção de rapazes e raparigas não é significativamente diferente para ambos os grupos da escolaridade. Assim, 51,4% das raparigas pertencem ao grupo dos adultos emergentes universitários e 48,6% seguiram outras trajetórias. Dos rapazes, 58,3% pertencem ao grupo dos universitários e os restantes 41,7% enveredaram por outras trajetórias.

Neste sentido, a amostra encontra-se dividida em “duas fatias”, sendo que 52% da mesma é constituída por estudantes universitários e 43,2 % por pessoas que seguiram outras trajetórias que não o ensino superior, nomeadamente, ensino profissional ou abandono escolar.

No que concerne à constituição familiar, a maioria dos participantes pertence a uma família intacta (63.3%); 6.8 % dos mesmos vive com a mãe e 1% vive apenas com o pai; 2.4% vive com a mãe e o seu companheiro; 9.2% vive com o cônjuge e/ou com os filhos; 2.7% vive sozinho; 4.8% vive com amigos e 9.5% vive com outras pessoas (cf. Anexo 1).

1.6. Procedimento

Parte dos dados que integram a amostra utilizada no presente estudo foram recolhidos em várias escolas profissionais do distrito do Porto, entre os meses de outubro de 2010 e março de 2011. Após solicitado o pedido de colaboração, através de uma carta explicativa do projeto, direcionada aos diretores das instituições, foram administrados os questionários em contexto de aula. Na sua maioria, a administração destes protocolos realizou-se diretamente pela investigadora. Inicialmente foi explicado aos participantes o principal objetivo do estudo, bem como a abrangência do projeto. Depois de esclarecidos os principais aspetos, garantidos os princípios do anonimato e confidencialidade, os participantes preencheram o protocolo durante um período de tempo entre os 40 e os 50 minutos. De modo geral, o protocolo suscitou alguns reparos relativamente à sua extensão e repetitividade das questões⁶. Alguns questionários que não foram recolhidos em contexto de aula tiveram o apoio de um mediador, tendo sido sempre assegurado todas as indicações e princípios descritos.

⁵ O Teste do Qui-Quadrado *for independence* é usado para determinar se duas variáveis categóricas (neste caso o género e a escolaridade) estão relacionadas. Este compara a frequência de casos encontrados nas várias categorias de uma variável ao longo das categorias da outra variável (Pallant, 2005).

⁶ Note-se que, neste estudo, foram apenas contemplados alguns instrumentos que fazem parte do protocolo final do projeto YAGISSP. Contudo, o mesmo teve de ser administrado na sua totalidade (cf. Anexo 2).

1.7. Instrumentos

Para a concretização deste estudo foi adotado o protocolo *A Vida dos Jovens Adultos entre os 18 e os 30 anos: Formação, Trabalho e Família*. Este consiste na versão portuguesa do original alemão, integrado no projeto YAGISSP (*Young Adults in Germany, Italy, Sweden, Spain and Portugal*). Os itens do protocolo considerados neste estudo permitiram reunir informações sócio-demográficas, nomeadamente relativas ao género, idade, escolaridade, ocupação atual e estrutura familiar. Além das questões sociodemográficas foi possível reunir informação sobre a perceção dos adultos emergentes relativamente à relação com cada um dos pais, tendo-se utilizado para tal, o *Network Relationship Inventory* (NRI). Mais ainda, foram utilizadas as seguintes escalas: *Opinião acerca da situação económica geral*, *Escala de importância relativa ao trabalho e à família*, a *Escala de exploração relativa às profissões*, e a *Escala de objetivos em relação ao trabalho e à família* (cf. Anexo 2).

Com o propósito de se obter as estruturas fatoriais das escalas, procedeu-se à realização de análises fatoriais em componentes principais, seguidas de rotação *varimax*. Foram tidos em conta alguns critérios de eliminação dos itens, nomeadamente, uma saturação inferior a 0.30 e a existência de dupla saturação em que a diferença entre saturações fosse igual ou inferior a 0.1. Posteriormente, foi analisada a consistência interna (*alpha de Cronbach*) de cada dimensão fatorial.

Descreve-se, de seguida, cada instrumento de avaliação, apresentando igualmente os procedimentos de análise fatorial e de avaliação da consistência interna realizados, bem como os respetivos resultados.

1.7.1. *Network Relationship Inventory* (NRI)

Com o objetivo de avaliar a perceção dos jovens no que concerne à qualidade da relação relativamente ao pai e à mãe, utilizou-se, como já referido, o *Network Relationship Inventory* (NRI, cf. Anexo 2) desenvolvido por Furman e Buhrmester (1985, 1992). Originalmente, o instrumento contemplava dez dimensões da qualidade das relações, nomeadamente com a mãe ou madrasta, pai ou padrasto, irmão/irmã mais velho e mais novo, avós, melhor amigo/a, professor/a (Furman & Buhrmester, 1985) e par romântico (Furman & Buhrmester, 1992). No presente estudo, foi utilizada uma versão reduzida do instrumento, adaptada para a língua alemã por Wittmann, Helm, Buhl e Noack em 2000 (cit in Testor, et al., 2008) que abrange as relações com cada um dos pais (avaliadas separadamente), constituída por 28 itens, distribuídos por 8 subescalas. As 8 subescalas

que constituem o instrumento são então: (a) *intimidade* (itens 2, 18 e 22), que avalia a percepção acerca da partilha de aspetos e informações pessoais com os pais; (b) *conflito* (itens 5, 7 e 11), que avalia o grau de conflito entre o jovem e os pais, nomeadamente no que respeita a discussões, zangas e opiniões divergentes; (c) *poder relativo* (itens 14, 15 e 16) que remete para a percepção de dominância na relação, questionando quem na relação normalmente assume a responsabilidade e decide o que se deve fazer; (d) a *satisfação* (item 26) avalia em que medida o jovem está satisfeito com a relação; (e) *apoio* (itens 4, 9 e 12) analisa a frequência de solicitação de apoio e responsividade, conselhos ou compreensão, e também a dependência emocional face aos pais; (f) *afeto* avalia a percepção do jovem relativamente ao facto de se sentir amado pelos pais, sentir interesse por parte dos mesmos (voz passiva; itens 19, 21, 24), bem como o amor e interesse do jovem face aos pais (voz ativa; itens 17, 27, 20); (g) *ajuda instrumental* engloba itens acerca de conhecimentos transmitidos pelos pais, a ajuda na resolução de tarefas (ajuda instrumental passiva; itens 1, 6, 10), e a situação inversa: a percepção do jovem acerca da transmissão de conhecimentos aos pais e ajuda na compreensão e resolução de tarefas novas (ajuda instrumental ativa; itens 3, 8, 13); e (h) *valorização* (itens 23, 25 e 28) que corresponde ao respeito e admiração sentidos relativamente às figuras parentais, ao valor atribuído ao que os pais concretizam. Cada item é avaliado por uma escala de tipo *Likert* de 1 a 5, sendo que as opções de resposta variam ao longo da escala, dada a natureza das questões. Assim, nas subescalas *conflito*, *ajuda instrumental*, *apoio*, e *intimidade* (somente o item 2), as opções de resposta variam entre o *Raramente ou nunca* e o *Muitíssimas vezes*; a subescala *poder relativo*, varia entre *Quase sempre ela* e *Quase sempre eu*; as restantes subescalas – afeto, valorização, intimidade (item 18 e 22), satisfação – variam entre *Pouco ou nada* e *Muitíssimo*.

O NRI tem sido utilizado em vários estudos, com várias dimensões relacionais (e.g., Baltazar, Ribeiro & Matos, no prelo; Barbosa & Matos, 2011; Glachan & Murray, 1997; Furman & Buhrmester, 1992; Noack & Buhl, 2004; Kostecky & Bass, 2004; Laursen & Mooney, 2008; Mota & Matos, 2010) tendo evidenciado boas propriedades psicométricas em vários estudos realizados (Barbosa & Matos, 2011; Furman & Buhrmester, 1985, 1992; Mota & Matos, 2010; Thönnissen et al., 2007; 2008a; 2008b; Testor et al., 2008).

1.7.1.1. Estrutura fatorial e consistência interna

Uma vez garantida a suscetibilidade do instrumento ser submetido a procedimentos de análise fatorial mediante o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett, recorreu-se ao método estatístico da análise fatorial em componentes principais, com rotação *varimax* (Pallant, 2005; Pestana & Gageiro, 2008). O KMO apresentou um valor de .90 para a mãe e .92 para o pai. Os valores do teste de esfericidade de Bartlett foram, para a mãe e para o pai, 4428.02 e 5034.92, respectivamente, sendo que o nível de significância foi de 0.000 para ambos (cf. Anexo 3, Quadro 1).

Para decidir o número de fatores a extrair, tomou-se em consideração o valor dos pesos próprios (*eigenvalues*), o “Teste do Cotovelo” e os valores da variância total explicada. Além da conjugação destes elementos, esteve presente a importância de assegurar uma estrutura teoricamente interpretável e o mais semelhante possível para ambos os casos (mãe e pai). Mediante o citado procedimento, optou-se por extrair 4 fatores.

Os itens foram sujeitos a rotação duas vezes, tendo sido eliminado o item 25, por apresentar dupla saturação. Contudo, optou-se por não excluir o item 9 que, na análise realizada para a mãe, também apresentava dupla saturação, com a finalidade de manter uma estrutura fatorial o mais semelhante entre a mãe e o pai. Após a análise da consistência interna, foi possível constatar que este item não levaria a um aumento significativo do valor de *alpha de Cronbach*. Pelos motivos citados, não se eliminou também o item 26, que apresentava dupla saturação, nas análises realizadas para o pai. Assim, no caso da mãe, optou-se por uma estrutura fatorial de 4 fatores, que explicam 59.73% da variância total, sendo que o primeiro fator explica 33.26%, o segundo fator explica 11.08%, o terceiro 7.88% e o quarto fator 7.51% (cf. Anexo 2, Quadro 1). Relativamente ao pai, a estrutura fatorial é igualmente constituída por 4 fatores, que explicam 65.46% da variância. O primeiro fator é constituído pelas sub-escalas Afeto, valorização e satisfação, explicando 39.07%, o segundo fator é constituído pelas sub-escalas do apoio e intimidade, e explica 10.89%, o terceiro fator é constituído pela sub-escala do conflito e explica 8.66% da variância, e o quarto fator constituído pelo poder relativo, explica 6.85% da variância (cf. Anexo 3, Quadro 2).

Os valores relativos à consistência interna das escalas oscila entre razoável (entre 0.60 e 0.70) e muito boa (> 0.90) (Pestana & Gageiro, 2005), como se pode observar no Quadro 3.

Quadro 3. Consistência interna para a qualidade da relação parental (pai & mãe)

Fatores	Nº itens	<i>α de Cronbach</i>	
		Mãe	Pai
<i>Afeto, valorização e satisfação</i>	9	.93	.96
<i>Apoio e intimidade</i>	12	.86	.91
<i>Conflito</i>	3	.84	.85
<i>Poder relativo</i>	3	.78	.80

1.7.2. Opinião acerca da situação económica geral (Thönnissen & Walper, 2005)

No sentido de avaliar a percepção do jovem adulto face à situação económica geral, utilizou-se uma *escala de Opinião acerca da situação financeira geral* (cf. Anexo desenvolvida por Thönnissen e Walper (2005). Este instrumento procura aceder ao grau de incerteza e insegurança relativamente ao emprego e dependência financeira face aos pais até se atingir a segurança e estabilidade no emprego. A escala é composta por seis itens sendo exemplo: *Quando se termina os estudos/formação é difícil encontrar logo um trabalho qualificado; Para alguém que entra no mercado do trabalho, hoje em dia é difícil encontrar um emprego estável*). Cada item é avaliado por uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos, variando entre *Nada de acordo* e *Totalmente de acordo*. Deste modo, quanto mais elevados os valores obtidos, maior a incerteza face à situação económica percecionada.

O instrumento tem sido utilizado em alguns estudos, evidenciando boas propriedades psicométricas (Thönnissen, Walper & Scabini, 2006; Thönnissen, et al., 2008b).

1.7.2.1. Estrutura fatorial e consistência interna

Para analisar a validade fatorial da escala foi realizada uma análise fatorial de componentes principais. A fim de justificar a pertinência desta análise, foram tidos em conta os valores do KMO e do teste de esfericidade de Bartlett. O primeiro apresentou um valor de 0.67 e o segundo revelou um valor de 227.22 sendo o nível de significância de 0.000.

Tendo em conta o “Teste do Cotovelo”, a percentagem da variância explicada e o valor dos pesos próprios, extraiu-se apenas um fator. Deste modo, obteve-se uma escala unifatorial constituída por 6 itens, dois deles invertidos (4 e 6), que explica 35.97% da variância total. A composição da estrutura fatorial desta escala pode ser observada no Anexo 3, Quadro 4.

Para analisar a consistência interna, foi tido em consideração não só o valor de *Alpha* mas também o valor da média da correlação inter-item pois a escala é composta por um número reduzido de itens, resultando num valor um pouco abaixo do desejável para o *Alpha* (.60). O valor da média da correlação inter-item apontou para .21, sendo revelador de uma boa consistência interna. Briggs e Cheek (1986, in Pallant, 2005) recomendam que este valor deverá situar-se entre 0.20 e 0.40.

1.7.3. Escala de importância do trabalho e família (Kracke, 2004)

Este instrumento pretende avaliar a forma como os jovens percebem e avaliam a importância relativamente aos seguintes aspetos, que constituem, por conseguinte, os itens que compõem a escala: ter bons amigos com os quais pode recorrer em situações difíceis; ter uma relação romântica estável; ter sucesso no curso, na formação ou no trabalho; ter tempos livres estimulantes que permitam ter o tempo ocupado; ter filhos (cf. Anexo 2). Estes cinco itens são avaliados a partir de uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, variando desde o *Nada Importante* até ao *Muito Importante*.

No que concerne à análise deste instrumento, optou-se por analisar cada item separadamente, dada a natureza e importância de cada um.

1.7.4. Escala de exploração vocacional (Kracke, 2004)

Com a finalidade de avaliar o comportamento de exploração em torno do trabalho e perceber o modo como os jovens utilizam a informação exterior foi utilizada a *escala de exploração vocacional* (cf. Anexo 2). Este instrumento de medida captura comportamentos de exploração do *self* (e.g., *Procuro descobrir quais as profissões que melhor se adaptam às minhas qualidades e às minhas limitações*), do ambiente (e.g., *Falo com o maior número possível de pessoas acerca de profissões que me interessam*) e do planeamento da exploração (e.g., *Considero diversas possibilidades profissionais e tento recolher o máximo de informação sobre todas as alternativas*). O instrumento é composto por seis itens, sendo que cada item é avaliado por uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos, variando entre *Nada de acordo* e *Totalmente de acordo*. Esta escala apresenta boas propriedades psicométricas segundo alguns estudos realizados (Dietrich & Kracke, 2009; Kracke, 1997; Testor et al., 2008; Thönnissen et al., 2008b).

1.7.4.1. Estrutura fatorial e consistência interna

Para analisar a estrutura fatorial do instrumento procedeu-se à realização de uma

análise fatorial de componentes principais. Para isso, tomou-se em consideração os valores dos testes de KMO, que é .85 e da esfericidade de Bartlett, que é 633,35 com um valor de significância de 0,000. Para optar pelo número de fatores a extrair, foram tidos em conta o peso dos valores próprios (*eigenvalues*) e a variância total explicada. Deste modo, a análise fatorial realizada permitiu a extração de um único fator (cf. Anexo 3, Quadro 5) que explica 57% da variância total. Relativamente ao *alpha de Cronbach* o mesmo revelou um valor de .85 sendo considerado bom índice de consistência interna (Pestana & Gageiro, 2005).

1.7.5. Escala de objetivos para o trabalho e família (Kracke, 2004)

Esta escala pretende avaliar qual a importância atribuída pelos participantes a determinados aspetos no momento da escolha da atual ou futura profissão, nomeadamente: o facto de amigos e conhecidos trabalharem perto; o facto de o(a) companheiro(a) trabalhar perto; um bom emprego é fator suficiente para o jovem deslocar-se para longe da “terra natal”; ou, por outro lado, está fora de questão um emprego que exija muita mobilidade (e.g., mudança de casa, viagens); o facto de a relação romântica ser posta em causa devido ao emprego; independentemente do que faça o companheiro(a) romântico(a), o jovem pretende seguir os seus próprios projetos profissionais; o facto de não existir problema em (re)começar numa cidade desconhecida (cf. Anexo 2). Portanto, pretende-se conhecer a relevância que as relações próximas, nomeadamente com os pais, com os pares ou com o companheiro(a) romântico(a) tem na escolha de uma profissão. Estes sete itens são avaliados de acordo com uma escala tipo *Likert*, de quatro pontos, situada entre *nada de acordo* e *totalmente de acordo*. Um estudo realizado por Brandão (2010) revelou boas capacidades psicométricas com uma amostra de estudantes universitários portugueses.

1.7.5.1. Estrutura fatorial e consistência interna

A fim de se analisar a estrutura fatorial, procedeu-se à realização de uma análise fatorial em componentes principais, seguida de rotação *varimax*. Os valores dos testes de KMO e de esfericidade de Bartlett revelaram a pertinência da realização desta análise fatorial (.58 e 298.98 respetivamente, sendo o nível de significância de 0.000). Foi então cumprida a extração de dois fatores que explicam 51.46% da variância total, sendo que o primeiro fator explica 28.13% e o segundo 23.33% da variância (cf. Quadro 6).

Especificando a análise realizada, o primeiro fator integra as questões relacionadas com a *realização profissional* (e.g., *Por um bom emprego, estou disposto a ir para longe da minha cidade natal.*), ou seja, os itens 3, 6 e 7. O segundo fator engloba os restantes itens (1, 2, 4 e 5) que dizem respeito à *proximidade física* (e.g., *É importante que os meus amigos e conhecidos trabalhem perto*) (cf. Quadro 6).

Quadro 6. Estrutura fatorial e consistência interna da escala de objetivos para o trabalho e família

Descrição	Nº de itens	α de Cronbach	% Var.	Correlação i.i.
Realização profissional	3	.65	28.13	.38
Proximidade física	4	.56	23.33	.25
% Var. Total			51.46	

De forma a avaliar a fidelidade do instrumento, foi aferida a consistência interna das suas dimensões, primeiramente através do *alpha de Cronbach*. Os valores revelaram-se baixos, sendo que para a *realização profissional* o valor de *alpha* é .65 e para a *proximidade física* o valor de *alpha* é de .56. Como tal, optou-se por analisar a média das correlações inter-item, obtendo-se valores aceitáveis para ambos os fatores. Assim, para a *realização profissional* a média das referidas correlações foi de .38 e de .25 para a *proximidade física* (cf. Quadro 6).

2. Apresentação dos resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados obtidos da análise e tratamento estatístico dos dados, tendo sido utilizado a versão 18 do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) em Windows 7.

Primeiramente serão apresentados os resultados das análises diferenciais em função do género, da idade e da escolaridade. Para testar o efeito das variáveis socio-demográficas nas diferentes dimensões (Variáveis Dependentes) foram utilizadas análises simples de variância (One-Way ANOVA⁷) quando se trataram dimensões únicas (uma V.D.), e análises multivariadas de variância (MANOVAS⁸) quando se consideraram simultaneamente um conjunto de pelo menos duas variáveis dependentes (quando estão

⁷ O One-Way ANOVA analisa o efeito de um fator (Variável Independente) numa Variável Dependente, testando se as médias da mesma em cada categoria do fator são ou não iguais entre si (Pestana & Gageiro, 2008)

⁸ Através da realização de MANOVAS, pretende-se saber se o conjunto de variáveis manifesta diferenças entre os grupos, o que poderia não acontecer caso se considerasse apenas cada VD isoladamente (Pestana & Gageiro, 2008).

correlacionadas entre si e/ou partilham um significado comum). Sempre que foram usadas MANOVAS foram reportados os valores do *traço de Pillai*⁹, por ser considerado aquele que apresenta maior robustez face a eventuais violações de normalidade e homogeneidade (Tabachnick & Fidell, 2007 in Pestana & Gageiro, 2005).

2.1. Diferenças entre grupos...

2.1.1. ... em função do género

Para analisar o efeito do género na perceção da qualidade da relação parental foram usadas análises multivariadas de variância (MANOVAS), assumindo como variáveis dependentes os quatro fatores que neste estudo compõem o NRI, analisados separadamente para a mãe e para o pai. Foram também analisadas as interações entre as variáveis idade e escolaridade para cada uma das variáveis dependentes contempladas a fim de observar possíveis efeitos das referidas interações.

Relativamente à figura materna, foi encontrado um efeito significativo do género ($F(4, 280) = 3.87, p = .004, \eta^2 = .05$), observado na forma como são percecionadas as dimensões do *afeto, valorização e satisfação* – fator 1 ($F(1, 283) = 7.72, p = .006, \eta^2 = .03$) e *apoio e intimidade* – fator 2 ($F(1, 283) = 14.81, p = .000, \eta^2 = .05$). Para ambos os fatores (1 e 2), as raparigas apresentam valores mais elevados (respetivamente: $M = 4.54; DP = .64; M = 3.20; DP = .81$) do que os rapazes (respetivamente: $M = 4.31; DP = .77; M = 2.84; DP = .79$). Para as restantes dimensões (*conflito e poder relativo*) não foram encontradas diferenças significativas. Relativamente à figura paterna, o género parece não exercer um efeito significativo ($F(4, 262) = .67, p = .67, \eta^2 = .01$). A análise da interação entre o género e as variáveis independentes idade e escolaridade não levantou nenhum efeito significativo.

Relativamente à *opinião acerca da situação económica*, a análise de variância simples (One-Way ANOVA) revela a não existência de um efeito significativo do género na Variável Dependente considerada ($F(1, 279) = .003, p = .96$). Atentando na média das respostas, tanto os rapazes como as raparigas centraram-se na opção “Bastante de acordo”, revelando uma tendência para avaliar mais negativamente situação económica atual. Também após a análise da interação entre o género, idade e escolaridade, não foi encontrado nenhum efeito significativo.

⁹ O teste “Traço de Pillai” corresponde à soma da variância explicada na função discriminante, apresentando, de modo isolado, em que medida a(s) variável(eis) independente(s) produzem efeito nas variáveis dependentes (Pestana & Gageiro, 2008).

Quanto à *importância do trabalho e família*, as MANOVAS realizadas revelaram a não existência de efeitos significativos do género ($F(5, 270) = 1.00, p = .42, \eta^2 = .02$).

Para a *exploração vocacional*, a ANOVA realizada permitiu verificar que também não existem diferenças estatisticamente significativas ($F(1, 282) = .623, p = .431$). A média das respostas tanto dos rapazes como das raparigas centraram-se na opção “Bastante de acordo”, revelando uma tendência elevada para a exploração de informações relativas às profissões e as dimensões do comportamento vocacional.

No que concerne aos *objetivos do trabalho e família* e tendo em conta as ANOVAS realizadas, pode observar-se que o género não exerce um efeito significativo tanto na *proximidade física* ($F(1, 281) = 2.25, p = .14$) como na *realização profissional* ($F(1, 281) = 1.71, p = .19$).

2.1.2. ... em função da idade

Relativamente à idade, foram tidos em conta dois grupos: um primeiro com os participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 21 anos, e um segundo grupo com participantes entre os 22 e os 30 anos de idade. As MANOVAS realizadas permitiram averiguar um efeito significativo da idade relativamente à qualidade da relação com a figura materna ($F(4, 269) = 3.48, p = .008; \eta^2 = .05$) somente na dimensão do *poder relativo* ($F(1, 272) = 7.36, p = .001; \eta^2 = .04$). O grupo dos mais velhos apresentam uma média superior ($M = 2.50; DP = .79$) comparativamente ao grupo dos adultos emergentes mais jovens ($M = 2.17; DP = .81$). Isto é, os mais velhos parecem reconhecer um nível igualitário na perceção do *poder relativo*, situando as suas respostas na opção “Eu e ela igual”. Já o grupo dos mais novos parece percecionar a figura materna como detentora de um maior nível de poder relativo, sendo que, em média, as respostas centram-se na opção “Muitas vezes ela”. Após a realização da interação entre o género e a idade, o efeito significativo manteve-se. Contudo, pode salientar-se são as raparigas mais velhas que mais tendem a percecionar uma relação mais igualitária com a mãe (“Eu igual a ela”), por comparação às mais novas (“Muitas vezes ela”). Os rapazes de ambos os grupos etários tendem a percecionar uma relação cuja figura materna detém maior nível de poder relativo (“Muitas vezes ela”) Para as restantes dimensões, a idade parece não revelar efeitos significativos. Contudo, se analisarmos conjuntamente as variáveis independentes género e a idade, encontramos um efeito significativo desta interação ($F(4, 267) = 3.44, p = .01; \eta^2 = .05$) na explicação da perceção do *afeto, valorização e satisfação* ($F(1, 270) = 9.25, p = .00; \eta^2 = .03$) para a figura materna. Deste modo, os rapazes mais jovens apresentam

valores mais baixos ($M = 4.18$; $DP = .79$) do que os rapazes mais velhos ($M = 4.53$; $DP = .67$) enquanto que as raparigas mais jovens apresentam valores mais elevados ($M = 4.60$; $DP = .50$) do que as mais velhas ($M = 4.42$; $DP = .82$).

No que concerne à figura paterna, também foram encontradas diferenças significativas ($F(4, 252) = 2.98$, $p = .02$; $\eta^2 = .05$). Tal como para a figura materna, o *poder relativo* foi o único fator onde se observou um efeito significativo da idade ($F(1, 255) = 8.31$, $p = .001$; $\eta^2 = .04$), sendo que os participantes mais velhos apresentam valores mais elevados ($M = 2.43$; $DP = .84$) por comparação ao grupo dos mais novos ($M = 2.06$; $DP = .87$). Nas restantes dimensões da qualidade da relação parental não foram observadas diferenças significativas. No entanto, as análises multivariadas de variância realizadas permitiram observar um efeito significativo do efeito da interação entre a idade e o género ($F(4, 250) = 2.94$, $p = .02$; $\eta^2 = .05$) para a dimensão do *afeto*, *varolização e satisfação* (ainda para a figura paterna) sendo que os rapazes mais velhos apresentam valores superiores ($M = 4.31$; $DP = .82$) aos mais novos ($M = 3.92$; $DP = .98$). As raparigas mais novas, pelo contrário, apresentam valores mais elevados ($M = 4.33$; $DP = .84$) do que as mais velhas ($M = 4.02$; $DP = 1.2$).

Relativamente à *opinião face à situação económica* foram realizadas análises simples de variância (ANOVA One-Way), não tendo sido encontrado nenhum efeito significativo da idade na referida variável ($F(1, 268) = 9.30$; $p = .09$), mesmo quando foi analisada a interação entre a idade e o género ($F(1, 266) = 1.37$, $p = .24$).

Na *importância do trabalho e família*, a análise multivariada de variância permitiu observar que a idade não exerce efeito significativo nas variáveis contempladas pela escala de *importância do trabalho e família* ($F(5, 259) = 1.52$, $p = .18$). Também na interação entre idade e género não foi encontrado um efeito significativo ($F(5, 257) = 1.99$, $p = .08$).

No que respeita à *exploração vocacional* também não foram encontradas diferenças significativas ($F(1, 271) = .88$; $p = .35$), mesmo na interação entre a idade e o género ($F(1, 269) = .67$, $p = .42$).

Relativamente à *escala de objetivos do trabalho e família*, as ANOVAS realizadas não revelaram a existência de nenhum efeito significativo da idade tanto para a ênfase na *realização profissional* ($F(1, 270) = .78$, $p = .38$) como para a ênfase na *proximidade física* ($F(1, 270) = 1.54$, $p = .22$). Após a análise multivariada da variância entre a interação das variáveis independentes género e idade, o efeito continuou a revelar-se não significativo ($F(2, 266) = 2.65$, $p = .07$).

2.1.3. ... em função da escolaridade

Para analisar o efeito da escolaridade foi dividida a amostra em dois grupos: um dos grupos corresponde aos adultos emergentes universitários (que frequentam o ensino superior), o outro grupo integra os adultos emergentes que enveredaram por outras trajetórias que não o ensino superior.

No que concerne à *qualidade da relação parental* não foi encontrado nenhuma efeito significativo da escolaridade tanto para a figura materna ($F(4, 267) = 1.96; p = .10$) como para a figura paterna ($F(4, 250) = 1.02; p = .40$).

Quanto à *opinião acerca da situação económica* foram realizadas análises simples de variância (ANOVA One-Way). Foi encontrado um efeito significativo da escolaridade na *opinião da situação económica* ($F(1, 266) = 9.30; p = .003$), sendo que os estudantes universitários reportam valores mais elevados ($M = 3.11, DP = .41$) situando as suas respostas, em média, na opção “Bastante de acordo”, que traduz uma perceção mais negativa da situação económica geral, comparativamente ao outro grupo ($M = 2.97, DP = .38$).

No que concerne ao efeito da escolaridade na *importância do trabalho e família*, foi encontrado um efeito significativo somente em duas variáveis: (1) *ter uma relação romântica estável* ($F(1, 261) = 9.24, p = .003, \eta^2 = 0.3$) e (2) *ter um ou mais filhos* ($F(1, 261) = 10.39, p = .001, \eta^2 = .04$). Na primeira variável, os universitários apresentam valores mais baixos ($M = 3.84; DP = .85$) por comparação ao outro grupo ($M = 4.21; DP = .85$). Na segunda variável, ou seja, *ter filhos*, os universitários também revelam valores inferiores ($M = 2.20; DP = 1$) comparativamente ao grupo de participantes que enveredaram por outras trajetórias ($M = 2.74; DP = 1$). Não se observaram diferenças significativas na importância dada a *ter amigos* ($F(1, 261) = 2.91, p = .09$), *ter sucesso no curso/trabalho* ($F(1, 261) = .097, p = .78$), e *ter tempos livres* ($F(1, 261) = .82, p = .37$).

No que respeita à *exploração vocacional*, não foram encontradas diferenças significativas ($F(1, 269) = .116; p = .73$).

Relativamente à escala de *objetivos trabalho e família*, as ANOVAS realizadas permitiram observar um efeito significativo da escolaridade na ênfase na *realização profissional* ($F(1, 268) = 30.61, p = .000$), sendo que o grupo dos participantes que enveredaram por outras trajetórias apresentam valores superiores ($M = 2.62; DP = .67$) comparativamente ao outro grupo ($M = 2.15; DP = .70$). Na ênfase na *proximidade física* não foi observado um efeito significativo ($F(1, 268) = .00, p = .98$).

2.2. Análises correlacionais

2.2.1. Associações entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional e os objetivos face ao trabalho e família...

As associações abaixo apresentadas encontram-se organizadas primeiramente em função do género e depois em função da escolaridade, de forma a melhor compreender e interpretar as suas relações com as dimensões estudadas, permitindo-nos também realizar uma leitura mais precisa e detalhada dos dados.

... em função do género

A exploração das correlações entre as dimensões supracitadas foi feita à luz do coeficiente de correlação de *Pearson*¹⁰, tendo sido calculados os coeficientes separadamente para rapazes e raparigas. Como é possível observar através do Quadro 1, todas as associações lineares significativas encontradas são consideradas baixas (entre .17 e .31) (Pallant, 2005). Contudo, será interessante prosseguir com uma análise mais pormenorizada destas associações significativas.

No que concerne aos adultos emergentes rapazes e à dimensão da *exploração vocacional*, surgiu uma correlação positiva com as dimensões do *afeto*, *valorização*, *satisfação* (fator 1), bem como as do *apoio e intimidade* (fator 2), tanto para a mãe (respetivamente para o fator 1 e 2: $r = .28, p < .01$; $r = .31, p < .01$) como para o pai ($r = .20, p < .05$; $r = .28, p < .05$). Nas raparigas também foram encontrados valores correlacionais significativos, relativos à exploração vocacional e dimensões do *afeto*, *valorização*, *satisfação*, bem como *apoio e intimidade*, face à mãe (respetivamente para o fator 1 e 2: $r = .18, p < .05$; $r = .27, p < .05$) e face ao pai ($r = .16, p < .05$; $r = .26, p < .05$). Na relação entre *a qualidade da relação parental* e os *objetivos face ao trabalho e à família* também é possível observar alguns resultados interessantes. Nos rapazes não se verifica nenhuma correlação significativa com as dimensões da qualidade da relação parental relativamente à figura parental do mesmo sexo como sugere a investigação, mas sim para figura materna, nomeadamente entre o *apoio e intimidade* e a *ênfase na proximidade física* ($r = .19, p < .05$). Nas raparigas o efeito é semelhante, na medida em que o *apoio e intimidade* para com a figura paterna, parece exercer efeito sobre a *ênfase na proximidade física*. Ou seja, existe um padrão semelhante entre os rapazes e a figura materna, e entre as raparigas relativamente ao pai. Ainda para as raparigas, é possível

¹⁰ O coeficiente de correlação de *Pearson* é uma medida de associação linear entre variáveis quantitativas variando entre -1 e 1 (Pestana & Gageiro, 2008).

observar uma associação positiva entre a intensidade da ênfase na *realização profissional* com a intensidade do *conflito* para com a figura materna (cf. Quadro 7).

Quadro 7 – Correlação entre a *qualidade da relação parental*, a *exploração vocacional* e os *objetivos trabalho e família*

	Rapazes			Raparigas		
	<i>Exploração vocacional</i>	<i>Proximidade física</i>	<i>Realização profissional</i>	<i>Exploração vocacional</i>	<i>Proximidade física</i>	<i>Realização profissional</i>
Mãe						
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.282**	.095	.000	.183*	.060	-.142
<i>Apoio e intimidade</i>	.311**	.189*	-.050	.272*	.105	-.055
<i>Conflito</i>	-.013	-.008	-.014	-.034	-.029	.172*
<i>Poder relativo</i>	-.094	-.003	-.164	.059	.027	.005
Pai						
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.204*	-.063	-.065	.175*	.148	-.079
<i>Apoio e Intimidade</i>	.278*	.046	-.065	.235**	.175*	-.095
<i>Conflito</i>	.062	-.112	-.047	-.037	-.086	.145
<i>Poder relativo</i>	-.101	.092	-.020	.083	.075	.076

Nota: ** $p < 0.01$; * $p < 0.05$

... em função da escolaridade

Como o quadro 8 expõe, a *exploração vocacional* correlaciona-se significativamente, e de forma positiva, com as dimensões do *afeto, valorização, satisfação* (fator 1) e do *apoio e intimidade* (fator 2), relativamente à mãe, tanto nos adultos emergentes universitários ($r = .23, p < .05$; $r = .29, p < .01$) como no grupo que seguiu outras trajetórias ($r = .24, p < .05$; $r = .30, p < .01$). Relativamente ao pai, os adultos emergentes pertencentes ao grupo *outras trajetórias* apenas revelam uma associação significativa entre a dimensão do *apoio e intimidade* ($r = .27, p < .01$), ao passo que os adultos emergentes universitários parecem revelar não só uma associação positiva entre a *exploração vocacional* e a dimensão do *apoio e intimidade* ($r = .25, p < .01$), como também com a dimensão do *afeto, valorização e satisfação* ($r = .22, p < .01$).

Quanto à *proximidade física* parece não existir nenhuma associação positiva com nenhuma das dimensões da qualidade da relação para com a mãe. Contudo, para o pai é

possível verificar, no grupo dos universitários, uma correlação com o *apoio e intimidade* ($r = .23, p < .05$) e no outro grupo com o poder relativo ($r = .18, p < .05$).

Quadro 8 – Correlação entre a *qualidade da relação parental, exploração vocacional e objetivos trabalho e família*

	Outras trajetórias			Universitários		
	<i>Exploração vocacional</i>	<i>Proximidade física</i>	<i>Realização profissional</i>	<i>Exploração vocacional</i>	<i>Proximidade física</i>	<i>Realização profissional</i>
Mãe						
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.239*	.065	-.090	.232*	.096	-.019
<i>Apoio e Intimidade</i>	.302**	.158	.054	.285**	.092	-.112
<i>Conflito</i>	-.068	-.001	.223*	-.012	-.048	.023
<i>Poder relativo</i>	-.094	-.027	.019	.073	.019	-.096
Pai						
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.153	-.126	.131	.219**	.008	.008
<i>Apoio e Intimidade</i>	.266**	.225*	-.063	.250**	.028	-.093
<i>Conflito</i>	-.016	-.139	.235*	.007	-.076	-.064
<i>Poder relativo</i>	-.072	-.095	.057	.084	.181*	.026

Nota: ** $p < 0.01$; * $p < 0.05$

A dimensão *realização profissional* correlaciona-se significativamente, e de modo positivo, com o conflito, mas apenas nos adultos emergentes que seguiram outras trajetórias: maiores níveis de *conflito* estão associados a uma maior ênfase na *realização profissional*, tanto para a mãe ($r = .22, p < .05$) como para o pai ($r = .24, p < .05$). O *conflito* parece não se correlacionar com a ênfase na *realização profissional* nos adultos emergentes universitários (mãe: $r = .02, n.s.$; pai: $r = -.06, n.s.$).

2.2.2. Associações entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família...

... em função do gênero

Nesta secção foram analisadas as possíveis correlações entre as dimensões da qualidade da relação parental (NRI) e os aspetos que os adultos emergentes consideram mais importantes face ao trabalho e à família (*ter bons amigos, ter uma relação romântica,*

ter sucesso no curso/trabalho, ter tempos livres estimulantes, ter filhos), através do coeficiente de correlação de *Pearson* (cf. Quadro 9). A panorâmica geral revela valores correlacionais baixos (entre .17 e .39), contudo os mesmos serão analisados em pormenor.

Quadro 9 - Correlação entre a *qualidade da relação parental* e a *importância trabalho e família*

	Rapazes					Raparigas				
	<i>Ter bons amigos</i>	<i>Relação romântica estável</i>	<i>Sucesso curso/trabalho</i>	<i>Tempos livres</i>	<i>Ter filhos</i>	<i>Ter bons amigos</i>	<i>Relação romântica estável</i>	<i>Sucesso curso/trabalho</i>	<i>Tempos livres</i>	<i>Ter filhos</i>
Mãe										
<i>Afeto, valorização satisfação</i>	.176*	.280**	.304**	.240**	.130	.295**	.077	.230**	.151	.094
<i>Apoio e intimidade</i>	.121	.299**	.291**	.237**	.173	.242**	.034	.085	.153	.115
<i>Conflito</i>	-.197*	.032	-.006	-.069	.089	.094	-.017	.014	.046	-.084
<i>Poder relativo</i>	.111	-.104	-.205*	.024	-.260**	.000	.015	-.048	.146	.051
Pai										
<i>Afeto, valorização satisfação</i>	.132	.042	.186*	.159	.109	.105	.071	-.023	-.008	.124
<i>Apoio e intimidade</i>	.119	.082	.179*	.218*	.139	.168*	.021	-.135	.032	.173*
<i>Conflito</i>	-.136	-.022	.003	.019	-.064	.200*	-.026	.021	.147	-.052
<i>Poder relativo</i>	-.033	.030	-.213*	-.088	-.105	.050	.099	-.025	.094	.018

Nota: ** $p < 0.01$; * $p < 0.5$

Relativamente ao facto de *ter bons amigos*, nos rapazes, e em relação à mãe, surge uma correlação positiva com a dimensão do *afeto, valorização, satisfação* ($r = .18$, $p < .05$) e uma correlação negativa na dimensão do *conflito* ($r = -.20$, $p < .05$). Nas raparigas, a importância atribuída a ter bons amigos surge positivamente correlacionada não só com o *afeto, valorização e satisfação* ($r = .30$, $p < .01$), mas também com o *apoio e intimidade* ($r = .24$, $p < .01$). Além disso, para a figura paterna, uma maior intensidade da importância de *ter amigos* é acompanhada, em média, por uma também maior intensidade no *apoio e intimidade*, mas também no *conflito* (respetivamente: $r = .17$, $p < .05$; $r = .20$, $p < .05$).

Quanto à importância dada ao facto de ter uma *relação romântica estável*, somente no sexo feminino é possível observar correlações significativas. Para aquele aspeto, as dimensões da qualidade da relação parental que lhe surgem associadas são as do *afeto*,

valorização e satisfação ($r = .29, p < .05$) e a dimensão do *apoio e intimidade* ($r = .30, p < .05$), ambas referentes à figura materna (cf. Quadro 9).

O *sucesso no curso/trabalho* apresenta mais correlações significativas nos rapazes do que nas raparigas. Nestas últimas, a única associação que se verifica é com a dimensão do *afeto, valorização e satisfação*, para a figura materna ($r = .23, p < .01$). Nos rapazes esta também é positivamente significativa não só face à mãe ($r = .30, p < .01$), mas também face ao pai ($r = .19, p < .05$). Além desta, nos rapazes, o *apoio e intimidade* com a figura materna também surge positivamente correlacionada com a importância dada ao *sucesso no curso/trabalho* ($r = .29, p < .01$), tal como na relação com o pai ($r = .18, p < .05$). Um aspeto curioso, ainda relativo ao *sucesso no curso/trabalho*, prende-se com a associação negativa observada com o *poder relativo*, tanto para a mãe ($r = -.21, p < .05$) como para o pai ($r = .21, p < .05$). Ou seja, os valores baixos nos itens correspondentes ao *poder relativo* face ao pai, parecem estar negativamente associados a uma maior importância dada ao *sucesso no curso/trabalho*, nos rapazes.

Por último, a importância atribuída ao *ter filhos*, também nos rapazes aparece negativamente correlacionada com o *poder relativo* em relação à mãe ($r = -.26, p < .01$) e nas raparigas aparece positivamente correlacionado com o *apoio e a intimidade* em relação ao pai ($r = .17, p < .05$) (cf. Quadro 9).

... em função da escolaridade

O Quadro 10 demonstra que a perceção do *afeto, valorização, satisfação*, em relação à mãe se correlaciona significativamente em ambos os grupos – *universitários* e *outras trajetórias* – com a importância dada a ter uma *relação romântica estável* (respetivamente: $r = .22, p < .01$; $r = .26, p < .01$) e ter *sucesso no curso/trabalho* (respetivamente: $r = .27, p < .01$; $r = .35, p < .01$).

Constata-se ainda que a dimensão do *apoio e intimidade* se encontra significativamente correlacionada, nos adultos emergentes *universitários*, com todos os aspetos de importância analisados, como podemos conferir no quadro 10. No outro grupo de participantes, a dimensão referida apenas se associa significativamente com o facto de ter *sucesso no curso/trabalho* ($r = .23, p < .05$) e ter *tempos livres* ($r = .22, p < .05$).

No que concerne à figura paterna, apenas se observam correlações significativas no grupo dos adultos emergentes *universitários*. De facto, quanto mais estes jovens percebem *afeto, valorização e satisfação* por parte do pai, tendem a dar importância ao facto de terem *bons amigos* ($r = .20, p < .05$), ao facto de ter *tempos livres* ($r = .22, p < .05$) e

ter filhos ($r = .19, p < .05$). A importância atribuída ao *sucesso no curso/trabalho* para além de estar positivamente correlacionado com a dimensão citada ($r = .19, p < .05$), também parece estar negativamente associada ao poder relativo ($r = -.18, p < .05$) face à figura materna. A dimensão do *apoio e intimidade* está positivamente correlacionada com a importância dada aos *tempos livres* ($r = .20, p < .05$), e ao facto de *ter filhos* ($r = .26, p < .01$).

Quadro 10 – Correlação entre a *qualidade da relação parental, a importância trabalho e família*

	Outras trajetórias					Universitários				
	<i>Ter bons amigos</i>	<i>Relação romântica estável</i>	<i>Sucesso curso/trabalho</i>	<i>Tempos livres</i>	<i>Ter filhos</i>	<i>Ter bons amigos</i>	<i>Relação romântica estável</i>	<i>Sucesso curso/trabalho</i>	<i>Tempos livres</i>	<i>Ter filhos</i>
Mãe										
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.181	.256**	.349**	.188*	.100	.242*	.224**	.269**	.213*	.139
<i>Apoio e intimidade</i>	.171	.137	.226*	.222*	.017	.175*	.241**	.202*	.165*	.264**
<i>Conflito</i>	.007	-.109	.045	-.114	.025	-.127	.100	-.028	.073	-.002
<i>Poder relativo</i>	.011	-.101	-.043	.024	-.109	.066	.025	-.194*	.155	.007
Pai										
<i>Afeto, valorização, satisfação</i>	.007	.036	-.018	-.098	.086	.199*	.120	.188*	.223*	.185*
<i>Apoio e intimidade</i>	.106	.048	-.014	.035	.078	.160	.071	.062	.200*	.261**
<i>Conflito</i>	.083	-.021	.045	.083	-.161	-.035	.021	.005	.092	.050
<i>Poder relativo</i>	.042	.006	.002	.054	-.056	-.020	.124	-.180*	-.022	.027

Nota: ** $p < 0.01$; * $p < 0.05$

3. Discussão dos resultados

Nesta secção, discutem-se os resultados encontrados confrontando com as questões e hipóteses formuladas, bem como com os estudos desenvolvidos por outros autores. Primeiramente serão discutidos os dados obtidos relativos ao efeito do género, idade e escolaridade. Posteriormente serão apresentadas e discutidas as relações entre as diferentes escalas e dimensões.

3.1. Diferenças em função do género

Relativamente ao efeito do género na percepção da qualidade da relação parental, os resultados corroboram a hipótese de que as raparigas têm uma percepção de maior *afeto*,

valorização e satisfação, bem como de maior *apoio e intimidade*, para com a figura materna. De facto, tal como sugere a investigação (Scabini, Marta, & Lanz, 2006; Scabini, 2000) as gerações mais jovens (neste caso os adultos emergentes), de forma mais evidente as filhas, tendem a exibir uma maior abertura com as suas mães, preferindo os seus conselhos face a assuntos que dizem respeito a si mesmos, o contexto social, a família, traduzindo a existência de laços mais próximos das filhas com as mães do que com a figura paterna. A existência de uma base comunicacional aberta, que transmite e proporciona segurança na exploração do mundo estará relacionada com uma percepção da relação baseada no afeto, valorização e satisfação com a própria relação. Isto parece apontar para a existência de diálogo, oferecendo uma expressão e partilha livre de opiniões e ideias (Scabini, Marta, & Lanz, 2006). Além disso, e tal como retrata a teoria da vinculação, todas as crianças desenvolvem relações de vinculação relativamente aos seus progenitores. No entanto, a qualidade dos laços emocionais que se estabelecem entre pais e filhos depende da natureza da interação que define a dinâmica familiar, sendo que as mães constituem, na sua maioria, a primeira base de segurança. A par da comunicação, o apoio parental também é considerado como sendo uma das mais fortes variáveis na questão da socialização dos filhos (Scabini, Marta, & Lanz, 2006). Também a satisfação permite-nos chegar à percepção global que a pessoa tem relativamente à sua família. A satisfação que a pessoa sente relativamente à relação é um importante indicador do funcionamento familiar (Scabini, 2000) e tende a assumir níveis elevados na transição para a adultez (Scabini, Marta, & Lanz, 2006) o que, nesta investigação, parece ser mais evidente nas raparigas. A análise fatorial realizada, permitiu juntar a dimensão do afeto, valorização, com a dimensão da satisfação, o que denota uma associação forte entre estas dimensões, sendo que a média das respostas das raparigas situou-se na opção “muitíssimo”, para a figura materna.

A hipótese que considerou que os rapazes experienciariam maiores níveis de poder relativo face às figuras parentais, não foi confirmada. Tanto rapazes como raparigas, em média, situam as suas respostas na opção “Muitas vezes ela”, quando se referem à mãe, e “Muitas vezes ele”, quando se referem ao pai. Será interessante confrontar estes valores com os mesmos observados para o conflito. Tanto os rapazes como as raparigas parecem não percecionarem níveis elevados de conflito, sendo que a média tanto para a mãe como para o pai se situa na opção “às vezes”.

No que respeita à opinião acerca da situação económica, os resultados vão de encontro à hipótese exploratória levantada. De facto, tanto rapazes como raparigas revelam

uma postura de insegurança face ao futuro, sendo as suas respostas bastante concordantes com a dificuldade de entrar no mercado de trabalho, com a facilidade em ficar desempregado, com a dificuldade de encontrar segurança no emprego e, consequentemente, em estar mais dependentes da família.

Além disso, e uma vez que a adultez emergente se revela um período caracterizado pelo forte investimento na exploração, também poderá ser desencadeador de incertezas face ao futuro. Não podemos deixar de salientar as dificuldades inerentes e evidentes ao período da adultez emergente, como a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho ou mesmo a dificuldade do acesso a ter habitação própria, que tornam esta etapa desenvolvimental geradora de *stress* (Monteiro, Tavares, & Pereira, 2009). Como também já vimos, a difícil situação económica que, não só o nosso país, mas todo o mundo atravessa, repercute-se de forma talvez mais forte, nos adultos emergentes. Aliás, basta-nos olhar para os números do desemprego em Portugal e mesmo na Europa para emergirem os sentimentos de incerteza e insegurança face ao presente e futuro e, com efeito, tanto rapazes como raparigas necessitam de emprego e estabilidade económica.

Relativamente às diferenças de género em função daquilo que os adultos emergentes consideram importante face ao trabalho e à família também não foram encontrados efeitos significativos do género. Um estudo anterior (Brandão, 2010) apontou, porém, dois efeitos significativos na questão referente a *ter amigos*. Neste caso, as raparigas apresentaram valores superiores, demarcando uma maior importância ao facto de ter bons amigos e também ao facto de ter sucesso no curso/trabalho. É importante considerar que o estudo referido foi realizado apenas com população universitária. Ainda assim, fazendo interagir o género e a escolaridade, continuou a não observar-se diferenças estatisticamente significativas. Remetendo para as médias das respostas, é possível concluir que, tanto os rapazes como as raparigas se situam numa opção de valorização, ou seja, assumem como “bastante importantes” o facto de *ter bons amigos*, *ter uma relação romântica estável* e *ter tempos livres*. Ter sucesso no curso/formação/trabalho afigura-se, em média, “muito importante”. Tanto rapazes como raparigas parecem sentir necessidade de se afirmarem profissionalmente. Relativamente ao facto de ter filhos, este parece ser “pouco importante” para os adultos emergentes. Como vem sendo enfatizado, a adultez emergente é caracterizada por um período exploratório e pelo adiamento da parentalidade. Neste sentido, ter um filho implica todo um conjunto de restrições e responsabilidades que parecem ser limitadoras desta exploração que refere Arnett. Assim, não será surpreendente a “pouca ênfase” colocada pelos adultos emergentes neste último aspeto. De salientar que as

respostas procuram o importância dada aos aspetos analisados, no momento atual. Deste modo, os objetivos de vida mudam, sendo que aquilo que hoje se afigura pouco importante, poderá assumir uma grande relevância num futuro próximo, como poderá ser o caso de ter filhos.

A exploração dos comportamentos vocacionais, perante os resultados pouco esclarecedores da investigação encontrada, levou à exploração da questão acerca da existência de diferenças entre ambos os géneros. De facto, os resultados não revelaram efeitos significativos. Além disso, é pertinente também referir que os valores relativos a esta variável (exploração vocacional) se situa num patamar de “bastante de acordo” relativamente ao empenho e curiosidade face à exploração de alternativas e oportunidades.

Efetivamente, é cada vez mais claro que as mulheres pretendem trabalhar fora de casa e que esse objetivo desempenha um papel cada vez mais importante nas suas vidas (Taveira & Nogueira, 2004). Contudo, apesar das mulheres constituírem cerca de metade da população ativa, de serem em maior número nas universidades e, por conseguinte, cada vez mais serem detentoras de educação superior, a sua participação parece continuar a ser assimétrica, principalmente nos domínios onde o poder tem lugar. Inicialmente, os primeiros estudos realizados focavam na distinção entre a orientação para a carreira e a orientação para o lar. Porém, com a estimulação para trabalhar fora de casa e assim desenvolver um percurso profissional, assistiu-se a um crescente interesse em analisar o fenómeno, procurando agora diferenciar as mulheres que escolhem profissões tradicionais daquelas que seguem domínios tradicionalmente associados aos homens que, segundo a lente da psicologia vocacional, podem significar um compromisso e um envolvimento com a carreira mais vincado (Taveira & Nogueira). O estudo realizado por Gonçalves e col. (2009), aponta para a não existência de diferenças significativas de género em relação aos comportamentos vocacionais, o que poderá corroborar a ideia de práticas educativas cada vez mais homogéneas entre rapazes e raparigas. Ainda que os estereótipos de papéis de género permaneçam na sociedade atual, a verdade é que a representação da mulher tem vindo a emergir no domínio do trabalho (Coimbra, Andrade & Fontaine, 2003). Neste sentido, não é uma surpresa que, neste estudo, as diferenças de género não sejam estatisticamente significativas.

Relativamente à *escala de objetivos face ao trabalho e à família*, não foram encontradas diferenças significativas, ao contrário do que foi sugerido por um estudo anterior (Brandão, 2010). Contudo, analisando a média de respostas, podemos verificar que estas se situam na opção “pouco de acordo”, tanto nas questões que focam a realização

profissional, como aquelas que dizem respeito à proximidade física. Complementarmente ao que foi já discutido, as mulheres cada vez mais procuram o investimento numa carreira e identidade profissional sendo que pode existir aqui uma necessidade de autonomia e independência. Além disso, as mulheres tendem a desempenhar um “duplo papel”, tanto ao nível familiar (orientação para a família) como no contexto profissional (orientação para o trabalho, realização profissional), colocando a ênfase em ambos os papéis. Contudo, a ênfase na realização profissional é tendencialmente assumida pelos homens (Coimbra, Andrade, & Fontaine, 2003).

3.2. *Diferenças em função da idade*

Quanto ao efeito da idade na percepção da qualidade da relação parental, os resultados mostram um efeito significativo na dimensão do *poder relativo* sendo que o grupo de adultos emergentes mais velhos (22-30 anos) apresentam níveis superiores relativamente à figura materna, situando as suas respostas na opção “Eu e ela igual”. Já o grupo dos mais novos (18-21 anos) colocam, em média, as suas respostas na opção anterior “Muitas vezes ela”, refletindo um maior reconhecimento da influência e poder da figura materna. Estes dados vão de encontro à investigação (Scabini, 2000) que refere uma maior proximidade entre os pais e os adultos emergentes, por comparação a períodos mais precoces, como a adolescência. Isto poderá significar uma distinção mais equitativa do poder e a capacidade da família em renegociar o equilíbrio entre a ligação emocional e a autonomia face à transição para a idade adulta do filho.

Ao analisar o cruzamento entre as variáveis independentes género e idade, foi-nos permitido observar um efeito significativo na percepção do afeto, valorização e satisfação da relação com ambos os pais. Para a mãe, as raparigas mais novas parecem perceber uma relação de maior afeto, valorização e mais satisfação do que aquelas que têm mais idade. Por seu turno, os rapazes mais novos parecem ter uma opinião mais positiva da relação com a mãe do que os mais jovens. Para a figura paterna, o efeito é semelhante.

Relativamente à opinião acerca da situação económica não foi observado efeito significativo da idade. Tanto o grupo dos adultos emergentes mais novos como o grupo dos mais velhos situaram as suas respostas na opção “Bastante de acordo”, traduzindo uma postura de insegurança face à situação económica.

Quanto à importância do trabalho e da família, também não foram encontradas diferenças significativas em nenhum dos aspetos considerados na escala. Contudo, analisando os valores médios, podemos observar que, à semelhança do que acontece com

os resultados provenientes do efeito do género, tanto os adultos emergentes mais novos como os mais velhos, tendem a dar muita importância ao sucesso no curso/ trabalho. Como “pouco importante”, em média, referem o facto de ter filhos, o que não corrobora o estudo realizado anteriormente (Brandão, 2010) em que se verificou uma maior importância dada a ter filhos pelos adultos emergentes mais velhos.

A exploração vocacional também não sofreu efeito da idade nos resultados. Centrando as respostas na opção “Bastante de acordo”, parece demonstrar a premissa que o desenvolvimento vocacional ocorre ao longo da vida, sendo cada vez mais encarado como um processo e não só como resultado ou conteúdo (Taveira & Nogueira, 2004). Além disso, em Portugal, não é novo o facto da existência de um desfasamento entre os sistemas de ensino/formação e o mercado do trabalho que gera nos jovens uma cada vez maior incerteza na previsão da construção dos seus projetos vocacionais de vida (Parada & Coimbra, 1999). Ou seja, quando irão ser capazes de encontrar um emprego. Este facto leva possivelmente a um aumento dos comportamentos de exploração e procura de informações relativas às profissões ao longo de todo o processo de transição para a idade adulta e não apenas em idades transitórias como, por exemplo, a entrada na universidade.

No que concerne aos *objetivos trabalho e família*, também não foi encontrado nenhum efeito da idade. Contudo, como mais à frente iremos discutir, a escolaridade exerce um efeito significativo nas ideias que os jovens têm relativamente às características que consideram importantes numa profissão. Independentemente da idade, os adultos emergentes têm aparentemente posições diferentes em relação aos aspetos importantes na escolha de uma profissão futura.

3.3. *Diferenças em função da escolaridade*

A primeira questão, de conteúdo exploratório, relativamente à opinião acerca da situação económica entre adultos emergentes universitários e aqueles que enveredaram por outras trajetórias, levantou a possibilidade de uma avaliação mais negativa da situação económica por parte destes últimos. No entanto, os resultados apontam no sentido contrário ao esperado. Através das análises efetuadas, foi possível verificar que os adultos emergentes pertencentes ao grupo dos universitários apresentam valores mais elevados na escala, o que se traduz numa avaliação mais negativa da situação económica, por comparação ao outro grupo de participantes. Aspirar a uma educação superior parece não ser indicador de maior segurança em termos de emprego e estabilidade económica face ao futuro que, por definição, é imprevisível.

Relativamente às diferenças de género em função daquilo que os adultos emergentes consideram importante face ao trabalho e à família, foram encontrados dois efeitos significativos. O primeiro diz respeito à ênfase na importância de ter uma relação romântica estável que, para os adultos emergentes universitários é menos valorizado, comparativamente ao outro grupo de sujeitos. Além disso, o facto de ter filhos também é menos valorizado pelo grupo dos adultos emergentes universitários. Ambas as características remetem para os aspetos relacionais (ter uma relação romântica estável) e a parentalidade que têm sido apontadas como marcadores tradicionais da entrada para a idade adulta. Como tem sido vincado ao longo deste trabalho, a teoria da adulez emergente aponta para uma alteração na concretização destes marcos tradicionais. De facto, eles não deixam de existir, são apenas adiados. A nossa amostra que integra adultos emergentes universitários e adultos emergentes que não frequentam nem frequentaram o ensino superior, faz ressaltar um aspeto importante que é precisamente a importância dada aos referidos marcadores da adulez. Será que podemos dizer que o nível de educação influencia a importância dada à parentalidade e ao casamento, sendo que quando se frequenta o ensino superior, estes domínios se encontram em “segundo plano”? Responder com certeza a esta questão seria chegar a uma conclusão abusiva, mas a verdade é que pode efetivamente ser afirmativo. De qualquer forma, há que ter em consideração que o contexto de ensino superior poderá ter impacto no desenvolvimento do adulto emergente e se, por um lado, existem características consideradas mais universais (como as explorações, *in-between*), também é verdade que existem contextos que poderão estar associados a diferenças em aspetos desenvolvimentais e em indicadores de adaptação durante e após este período (Monteiro, Tavares, & Pereira, 2009) que merecem ser considerados e investigados.

No que respeita à exploração vocacional, tal como o género e a idade, a escolaridade não revelou um efeito significativo. De facto, como sugere Arnett (2006), aqueles que não obtêm educação superior experienciam, tal como os que investem na formação, o período da adulez emergente, caracterizado, não só mas também, pela exploração característica desta fase sendo que existe todo um conjunto de diferenças no conteúdo dessas experiências. Portanto, não será novo o que se verifica na análise dos resultados relativos ao efeito da escolaridade na exploração vocacional. Tanto os adultos emergentes universitários como aqueles que enveredaram por outras trajetórias revelam o comportamento de exploração típico desta fase de vida (de notar que a média das respostas se situa na opção “Bastante de acordo”). Posteriormente à exploração o que acontece é a

escolha diferente de percursos: a universidade, o ensino profissional, a entrada no mundo do trabalho...

No que respeita aos aspetos valorizados pelos adultos emergentes relativos ao trabalho e família, foi encontrado um efeito significativo da escolaridade. Os participantes que enveredaram por outras trajetórias revelaram valores superiores na ênfase colocada na *realização profissional* revelando bastante concordância com o facto de, por exemplo, aceitarem deslocar-se da cidade natal para conseguir um bom emprego, o que não acontece com o grupo de adultos emergentes universitários que se situam na opção “pouco de acordo”.

3.4. Associações entre a qualidade da relação parental, a exploração vocacional e os objetivos face ao trabalho e família...

À semelhança do que acontece na apresentação dos resultados, as relações encontram-se organizadas primeiramente em função do género e depois em função da escolaridade, de forma a melhor compreender e interpretar as relações com as dimensões consideradas nesta secção, permitindo também ao leitor poder realizar uma leitura mais precisa e detalhada dos dados.

... em função do género

Numa primeira análise, tanto rapazes como raparigas revelam uma correlação positiva entre as características positivas da relação parental (afeto, valorização e satisfação; apoio e intimidade) para a figura materna e paterna e os comportamentos de exploração vocacional. Na sequência dos trabalhos anteriormente realizados (Gonçalves, 1997; Hargrove, Creach, & Burgess, 2002; Kracke, 1997; 2009; Thönnissen et al., 2008b), e tal como era esperado, encontraram-se associações entre a exploração vocacional e a qualidade da relação parental percebida pelos adultos emergentes como sendo uma fonte de afeto, valorização e satisfação, bem como de apoio e intimidade. Não será, portanto, surpreendente afirmar que os pais tendem a transmitir à sua descendência, as suas valorizações da realidade do mundo, fazendo passar as idealizações e dimensões que eles consideram importantes e nucleares para o sucesso profissional (Gonçalves, 1997).

No que concerne à associação da qualidade da relação parental com os objetivos para o trabalho e para a família existe uma correlação significativamente positiva, nos rapazes e em relação à figura materna, entre a dimensão do apoio e intimidade e a ênfase na proximidade física. Como vimos nas análises diferenciais, as raparigas manifestaram

valores significativamente superiores nas dimensões positivas da relação materna. Contudo, não foi observada uma associação significativa entre estas mesmas dimensões e a ênfase na *proximidade física* ou na *realização profissional*. Esta situação poderá ser explicada pelo facto de estas sentirem necessidade de se auto-revelar, de desejar ser autossuficientes e de se tornar autónomas, mesmo considerando a possibilidade de não estar perto dos pais ou das figuras significativas. Por outras palavras, o facto de não ser observada uma correlação entre as dimensões positivas da relação materna e a ênfase na *proximidade física* relativamente a figuras significativas, no momento da escolha de uma profissão, não significa a não existência de uma relação baseada no afeto, valorização, satisfação, apoio e intimidade, ou seja, da não existência de uma base segura. De facto, uma base segura é *per se* impulsionadora do investimento e exploração do mundo. Deste modo, é compreensível que não seja observada uma correlação entre o *apoio e intimidade* e a *proximidade física*, nas raparigas, precisamente pela possibilidade de exploração e autonomia.

No entanto, os rapazes, apresentam uma correlação positiva entre o *apoio e a intimidade* face à figura materna e a ênfase colocada na *proximidade física* aquando da escolha de uma profissão. Talvez o adiamento da saída de casa, juntamente com o adiamento do casamento ou melhor, do investimento numa relação estável estejam na base desta associação.

Além disso, foi também encontrada uma associação positiva entre a ênfase colocada pelas raparigas na *realização profissional* e a dimensão do *conflito* relativamente à figura materna. Se atentarmos na média de respostas às questões da *realização profissional*, concluímos que as mesmas são baixas, ou seja, as raparigas parecem pouco concordantes com o facto de, por exemplo, deslocar-se para uma nova cidade em busca de um bom emprego. Contudo, níveis mais elevados de conflito parecem estar associados a uma maior ênfase na *realização profissional*, levado a que estas jovens valorizem a concretização de projetos profissionais. Poderemos interpretar este facto como uma possível “fuga” às desavenças existentes na relação. Como a investigação mostra (Mota & Matos, 2010), o conflito parece desempenhar um papel importante na predição da autoestima, incluindo o papel como mediador entre a qualidade da ligação à figura materna e a autoestima, sendo que esta associação não se revela para a figura paterna. Deste modo, não é inteiramente inesperado que surja uma associação positiva entre as dimensões citadas, em que esteja possivelmente subjacente o medo e a insegurança de começar de novo e explorar.

... em função da escolaridade

No que concerne às associações entre as dimensões positivas da qualidade da relação parental e os comportamentos de exploração vocacional, é possível observar uma correlação positiva para ambos os pais, em ambos os grupos de participantes. De facto, parece evidente que os comportamentos de exploração permanecem em relevo, independentemente do percurso que os adultos emergentes escolhem.

Um outro aspeto curioso tem que ver com a associação positiva entre o conflito na relação com ambos os pais e a ênfase na *realização profissional*, nos jovens que enveredaram por outras trajetórias. Uma possível interpretação poderá estar relacionada com a ênfase na realização profissional como uma forma de lidar com possíveis níveis de conflito experienciado por estes jovens. Deste modo, poderá existir uma vontade de ingressar o quanto antes no mercado do trabalho, optando precisamente por outras vias de ensino mais profissionais que não o ensino superior.

3.5. Associações entre a qualidade da relação parental e a importância trabalho e família...

... em função do género

Em relação ao género masculino, de forma geral, foi possível observar uma associação positiva entre as dimensões positivas da relação materna e os aspetos que estes jovens consideram importantes. Com efeito, os rapazes que revelam elevados níveis de *afeto, valorização e satisfação* com a relação materna parecem também atribuir relevante importância ao facto de *ter bons amigos, ter uma relação romântica estável, ter sucesso no curso ou trabalho, e ter tempos livres estimulantes*. O mesmo acontece para o *apoio e a intimidade*, à exceção do facto de *ter bons amigos* que parece não estar relacionado com a intensidade do *apoio e intimidade* estabelecidos com a mãe. Este facto parece corroborar a investigação que aponta uma perceção de maior coesão na relação entre mãe e filhos do que na relação paterna (Mayseless & Scharf, 2001). Aliás, isto remete para o especial papel das mães em promover a proximidade e o apoio para com os seus filhos. Uma relação percebida como positiva estará associada à maior valorização dos vários aspetos da vida, seja o sucesso no curso, seja a manutenção de uma relação romântica estável. Aliás, como anteriormente vimos, apenas os rapazes revelaram que a intensidade do apoio e intimidade era acompanhada pela intensidade da ênfase na proximidade física denotando realmente uma importância face a estes aspetos da proximidade. Além disto, as dimensões mais *negativas* da relação surgem negativamente associadas. O conflito é acompanhado

tendencialmente e no sentido inverso pela importância dada apenas ao facto de ter amigos. Assim como o poder relativo que acompanha negativamente a importância dada ao sucesso no curso ou trabalho. Este facto poderá estar relacionado com a diminuição efetiva dos níveis de conflito no período da adultez. À medida que vão crescendo, a relação parental é tendencialmente percebida como menos conflituosa, existindo mais harmonia na dinâmica familiar. Quanto à existência de poder relativo pode não significar a existência de hierarquia ou dominância propriamente dita na relação, mas sim o desenvolvimento da autonomia e independência por parte dos jovens, não no sentido de minimizar a relação hierárquica existente, pois os pais podem continuar a ser vistos como importantes figuras de autoridade e respeito (Mayseless & Scharf, 2001).

Relativamente à figura paterna foi observada uma associação positiva entre o afeto, valorização e satisfação e a importância atribuída ao sucesso no curso ou trabalho, embora numa intensidade mais fraca do que para a figura materna. Além disso, o apoio e a intimidade parecem estar positivamente relacionados com a importância dada ao sucesso no curso ou trabalho, bem como a existência de tempos livres e estimulantes. O poder relativo, à semelhança do que foi observado para a mãe, também surge associado tendencialmente no sentido inverso à importância atribuída ao sucesso no curso ou trabalho. Talvez uma justificação possível seja o facto de os adultos emergentes quererem respeitar possíveis expectativas dos pais. Tendo em conta que uma grande percentagem dos pais não possui estudos superiores, será provável que desejem um futuro melhor para os filhos fazendo com que invistam nos estudos e ultrapassem as barreiras da incerteza e a insegurança de não obter um emprego qualificado. Ora, este fenómeno não é observado nas raparigas. Uma possível justificação poderá ter que ver com o facto de aparentemente serem mais responsáveis nos estudos, sendo também em maior número no ensino superior (INE).

Quanto às raparigas, o cenário é ligeiramente diferente. As dimensões do afeto, valorização e satisfação, relativamente à relação materna, apenas estão positivamente associadas à importância atribuída ao facto de ter amigos e ao sucesso no curso ou formação. Para a figura paterna, também a intensidade da importância dada ao facto de ter amigos está associada à intensidade da relação de apoio e intimidade para com o pai. De facto, parece saliente que as raparigas apostem mais nas relações com os pares, enfatizando mais a proximidade interpessoal.

O desejo de ter filhos surge associado ao apoio e intimidade na relação com a figura paterna, revelando uma tendência maior nas raparigas do desejo de ser mãe. Contudo, o que é curioso é esta associação não se verificar com a figura materna.

... em função da escolaridade

Em ambos os grupos podemos observar bastantes associações entre as dimensões positivas da relação, em especial a materna, e os aspetos considerados importantes atualmente para os adultos emergentes. De facto, é similar a importância atribuída ao facto de ter uma relação estável, ao sucesso no curso ou formação e ao facto de ter amigos. Além disso, os adultos emergentes que se inserem na categoria de ensino superior também parecem valorizar o facto de ter bons amigos quando também percebem uma relação materna baseada não só no afeto, valorização e satisfação, mas também no apoio e intimidade. Mais ainda, o poder relativo parece acompanhado negativamente pela importância dada ao sucesso no curso/trabalho. Assim, parece que os universitários que valorizavam muito o sucesso no curso, revelam também valores baixos de poder relativo relativamente à mãe, ou seja, a figura materna é vista como figura de autoridade e respeito.

De salientar ainda a possível influência do nível sócioeconómico (NSE) que não foi controlado neste estudo. Além disso, o nível de educação dos pais também poderá ser um fator determinante, pois existe alguma evidência que o estatuto socio-económico e, em particular, o nível de educação está associado com a intensidade da “troca verbal” entre os pais e os filhos, bem como na construção e planeamento de projetos profissionais (Galland, 1997; Lye, 1996, in Noack & Buhl, 2005; Gonçalves, 2006).

4. Conclusões gerais e limitações do estudo

Tendo em conta os estudos realizados que se focaram numa perspetiva de melhor compreensão do período que envolve a transição para a idade adulta, pudemos perceber a unanimidade no que respeita à erosão, desde as últimas décadas, dos marcos tradicionais encarados como delimitadores da adultez. Contudo, torna-se relevante continuar a abordar esta temática, na medida em que ainda existem muitas características e aspetos que merecem ser aprofundados, não só para uma melhor compreensão social, mas também para uma melhor compreensão a nível psicológico e desenvolvimental dos adultos emergentes. Conhecer e relacionar as perceções dos jovens no que respeita à qualidade das relações que

estabelecem com os seus pais com a importância do desenvolvimento vocacional e a importância atribuída à família e ao trabalho no futuro é muito pertinente e interessante.

De forma geral, os resultados permitiram observar a existência de efeitos de género, idade e condição de escolaridade no que respeita às atitudes perante a família e o trabalho, quer no momento atual, quer num futuro que não tarda em chegar. No entanto, não se espera com este estudo encontrar ou corroborar uma regularidade sócio-estrutural, pois mais do que isso, existem fatores socio-demográficos e individuais que de certa forma determinam o percurso de emergência na condição de adulto.

Foram evidentes as associações entre as dimensões da qualidade da relação parental e os comportamentos de exploração vocacional, tanto em função do género como em função do nível de escolaridade. Além disso, foi também relevante a relação estabelecida particularmente entre a relação materna e a valorização de aspetos relativos à família e ao sucesso no curso/trabalho. A natureza deste trabalho assenta num cariz exploratório, sendo, por isso, necessário que as dimensões aqui trabalhadas sejam aprofundadas.

Como qualquer estudo científico, este mesmo apresenta algumas limitações. Desde logo, o tamanho da amostra que desejavelmente deveria ser maior. Esta limitação impediu precisamente a análise diferencial e o cruzamento de outras variáveis como por exemplo a situação familiar, uma vez que não existiam participantes suficientes em todas as condições. Assim, em futuros estudos, seria pertinente incluir variáveis que permitam melhor conhecer a realidade dos adultos emergentes, nomeadamente o NSE ou nível de educação parental, a constituição familiar, o porquê da escolha de determinado curso ou de determinada via de ensino, entre outras variáveis. Também a avaliação dos comportamentos específicos dos pais, relacionados com as profissões, poderá constituir uma ajuda para a investigação no sentido de melhor compreender os mecanismos da influência parental. Conhecer mais acerca desses mecanismos, poderá fornecer bases teóricas e empíricas sólidas para o desenvolvimento de intervenções.

Outro aspeto que deve ser tido em linha de conta tem que ver com os valores de *alpha* baixos em algumas dimensões, facto que poderá ser ultrapassado com uma maior amplitude da amostra.

Também o instrumento de análise das expectativas relativas ao comportamento de exploração vocacional se revelou um pouco pobre, na medida em que não permite explorar em profundidade as dimensões importantes. Deste modo, em estudos posteriores será interessante complementar com outros instrumentos.

Outra limitação prende-se com a dimensão do protocolo utilizado para recolha de dados. Foram apontadas imensas observações pelos participantes que relataram a repetitividade das questões, bem como o facto de ser muito extenso. Deste modo, um dos objetivos futuros poderá passar pela reformulação do protocolo referido, tentando reduzir o número de itens.

Afigura-se necessário ainda ter em consideração o facto de este ser um estudo exploratório, e da amostra ser emparelhada, pelo que os resultados deverão ser replicados em amostras independentes.

Referências bibliográficas

- Amato, P., & Sobolewski, J. (2007). Parents' discord and divorce, parent-child relationships and subjective well-being in early adulthood: Is feeling close to two parents always better than feeling close to one? *Social Forces*, 85, 1105-1124.
- Arnett, J. (1996). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.
- Arnett, J., & Tenner, J. (2000). *Emerging adults in America. Coming of age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association.
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist*, 57, 774-783.
- Arnett, J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 111-123.
- Azevedo, J. (1999). *Inserção precoce de jovens no mercado de trabalho*. PETI – Plano para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil.
- Azevedo, J. (1999b). *Voos de borboleta: Escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições ASA.
- Baltazar, G., Ribeiro, I., & Matos, P. (no prelo). Relações intergeracionais: Percepções dos netos acerca das relações com os avós.
- Barbosa, R., & Matos, P. (2011). Adaptação e validação do network of relationships inventory (NRI; Furman & Buhrmester, 1985). Poster apresentado no *I Congresso Internacional de Psicologia do Desenvolvimento, ISPA, Portugal*.
- Bynner, J. (2005). Rethinking the youth phase of the life-course: The case of emerging adulthood? *Journal of Youth Studies*, 8, 367-384.
- Boutinet, J. (sem ano). *A imaturidade da vida adulta*. Lisboa: Rés Editora.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: (volume III) Loss, sadness and depression*. London: Hogarth Press.
- Brandão, T. (2010). *Conciliação entre o trabalho e a família e processo de separação-individação em adultos emergentes*. Tese de Mestrado não-publicada, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Campos, B., & Coimbra, J. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.

- Coimbra, S., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2003). *Balancing family and work roles: Expectations of Portuguese university students*. In Actes du VIIIe Congrès International de l'AIFREF, 1-16.
- Coimbra, S. (2008). *Estudo diferencial da auto-eficácia e resiliência na antecipação da vida adulta*. Tese de doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Côté, J., & Bynner, J. (2008). Changes in transition to adulthood in UK and Canada: The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, 11, 251-268.
- Cummings, E., & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict. The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- Dietrich, J., & Kracke, B. (2009). Career-specific parental behaviors in adolescents' development. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 109-119.
- Eurostat (2008). *The life of women and men in Europe: A statistical portrait*. Eurostat, statistical books.
- Erikson, E. (1976). *Identidade: Juventude e crise*. (2ª Ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21, 1016-1024.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Glachan, M., & Murray, C. (1997). Mothers' reports of early attachment experiences and their perceptions of the quality of their network of family relationships. *Early Child Development and Care*, 129, 115-127.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. (1994). A influência do clima psicossocial da família no desenvolvimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 43-52.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8, 1-17.
- Gonçalves, C., Parente, C., Veloso, L., Gomes, S., & Januário, S. (1997). *Os jovens, a formação profissional e o emprego: Resultados de uma investigação internacional*. Porto: Fundação da Juventude/Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional dos adolescentes e jovens*. Tese de Mestrado não-publicada, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*. (2ª Ed). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

- Guay, F., Senecal, C., Gauthier, L., & Fernet, C. (2003). Predicting career indecision: A self-determination theory perspective. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 165–177.
- Guglhoer-Rudan, Thoennissen, C. Walper, S., & Scabini, E. (2007). Individuation in young adults in munich and Milan: Testing the construct validity of MITA-dimensions in international comparison. *Proceedings of the 13th European Conference on Developmental Psychology, University of Jena, Germany*.
- Hargrove, B., Creagh, M., & Burgess, B. (2001). Family interaction patterns as predictors of vocational identity and career decision-making self-efficacy. *Journal of Vocational Behaviour*, 61, 185-201. Elsevier Science: USA.
- Hendry, L., & Kloep, M. (2010). How universal is emerging adulthood? An empirical example. *Journal of Youth Studies*, 13, 169-179.
- Hyde, J. S., & Durik, A. M. (2005). Gender, competence and motivation. In A. J. Elliot & C. S. Dweck (Eds.), *Handbook of competence and motivation* (pp. 375-391). New York: The Guilford Press.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Estatísticas do emprego – 1º trimestre de 2011*. Consultado em 22 de Julho de 2011, em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=107450480&DESTAQUESmodo=2
- Keniston, K. (1971). *Youth and dissent: The rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Kracke, B., Güre, A., & Dietrich, J. (2008). Parents and career planning in Turkish and German adolescents. Comunicação apresentada no Symposium *Family influences on vocational choice processes* – Torino, Italy.
- Kracke, B., Dietrich, J., & Noack, P. (2008). Trajectories of career exploration in adolescence. Comunicação apresentada no 12th SRA Biennial Meeting.
- Kracke, B. (1997). Parental behaviors and adolescents career exploration. *The Career Development Quarterly*, 46, 341-350.
- Kostelecky, K. (2005). Parental attachment, academic achievement, life events and their relationship to alcohol and drug use during adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 665-669.
- Kostelecky, K., & Bass, B. (2004). Grandmothers and their granddaughters. *Journal of Intergenerational Relationships*, 2, 47-61.
- Laursen, B., & Mooney, K. (2008). Relationship network quality: adolescent adjustment and perceptions of relationships with parents and friends. *American Psychological Association. American Journal Orthopsychiatry*, 78, 47-53.

- Lempers, J., & Clark-Lempers, D. (1991). Young, middle, and late adolescents' comparisons of the functional importance of five significant relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 21, 53-96.
- Levinson, D. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41, 3-13.
- Mayseless, O., & Scharf, M. (2001). Cohesion and relative power in family relationships and adolescent coping with a real-life stressful situation. In T. M. Gehring, M. Debry, & P. K. Smith (Eds.), *The Family System Test FAST: Theory and application* (pp. 157-176). Hove, East Sussex, UK: Brunner-Routledge.
- Mendonça, M. (2007). *Processo de transição e percepção de adultez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens e trabalhadores*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adultez emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducação*, 2, 129-137.
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Relación parental, autoestima e depressión en jóvenes portugueses: implicaciones de los conflictos interparentales, coligación y triangulación.
- Moura, O. (2005). *A vinculação aos pais e relações familiares na adolescência*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Noack, P., Kracke, B., Wild, E., & Hofer, M. (2001). Subjective experiences of social change in East and West Germany. Analyses of perceptions of adolescents and their parents. *American Behavioral Scientist*, 44, 1798-1817.
- Noack, P., & Buhl, H. (2004). Relations with parents and friends during adolescence and early adulthood. *Marriage & Family Review*, 36, 31-51.
- Oliveira, J. (2008). *A auto-eficácia como capital de identidade na transição para a adultez*. Tese de Mestrado não-publicada, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Pais, J. (2001). *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual. A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows*. Australia: Allen&Unwin.
- Parada, F., & Coimbra, J. (1999). Sentido e significados do trabalho no contexto de uma realidade em transformação: O desemprego e as dificuldades de integração profissional dos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, 47-57.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sobral, J., Gonçalves, C., & Coimbra, J. (2009). A influencia da situação profissional parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10, 11-22.
- Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations. An intergenerational perspective*. United Kingdom: Psychology Press.
- Scabini, E. (2000). Parent-child relationship in Italian families: Connectedness and autonomy in the transition to adulthood. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 23-30.
- Skyttner, L. (2005). *General systems theory* (2ª ed.). World Scientific Printers.
- Taveira, M. C., & Nogueira, C. (2004). Estudos de género e psicologia vocacional: Confronto de teorias e implicações para a intervenção vocacional. In M.C. Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 57-81). Coimbra: Editorial Almedina.
- Testor, P., Alomar, E., Aramburu, I., Castillo, J., Davins, M., Simón, J., & Valls, C. (2008). *La vida dels/les joves de Barcelona: formació, treball i família – Projecte YAGISS*. Universitat Ramon Llull: Grup de recerca de parella i família.
- Thönissen, C., Walper, S., & Scabini, E. (2006). The influence of economic insecurity on young adult relationship to parents: a comparison of Munich and Milan. Poster apresentado na 5th *Conference of the International Academy of Family*.
- Thönissen, C., Guglhoer-Rudan, A., Walper, S., & Scabini, E. (2008a). Differences in young adults' relationship to fathers in Gothenburg, Milan and Munich. *Proceedings of XI Biennial Eara Conference, Turino*.
- Thönissen, C., Guglhoer-Rudan, A., Walper, S., & Scabini, E. (2008b). Job exploration among young adults in Germany, Italy and Sweden. *Proceedings of XI Biennial Eara Conference, Turino*.

ANEXOS

ANEXO 1

Distribuição da amostra

Distribuição da amostra

<i>N= 294</i>				Univ.	Outras trajet.
Gênero	♀	53,1 %	N= 156	51,4%	48,6%
	♂	46,6%	N= 137	58,3%	41,7%
	Não resposta		N= 1		
Idade	18-21	57,8 %	N= 170		
	22-30	38,1 %	N= 112		
	Não resposta	4,1 %	N= 12		
	M= 21,6			M= 21.56	M= 21.29
	DP= 3,16			DP= 2.37	DP= 3.76
Escolaridade	Ens. Superior/ Politécnico	52 %	N= 153		
	Outras trajetórias	43,2 %	N= 127		
	Não resposta	8,8 %	N= 4		
Constituição familiar	Família intacta	63,3 %	N= 186	65,4%	62,2%
	Família Monoparental (Mãe)	6,8 %	N= 20	8,5%	5,5%
	Família Monoparental (Pai)	1%	N= 3	1,3%	0,8%
	Família Reconstituída (Mãe)	2,4 %	N= 7	1,3%	3,9%
	Companheiro/Filhos	9,2 %	N= 27	3,3%	12,6%
	Sozinho	2,7 %	N= 8	2,6%	3,1%
	Amigos	4,8 %	N= 14	7,8%	1,6%
	Outras pessoas	9,5 %	N= 28	9,2%	10,2%

ANEXO 2

Instrumentos utilizados

A Vida dos Jovens Adultos entre os 18 e os 30 anos: Formação, Trabalho e Família

Caros Participantes,

O questionário que se segue pretende abordar os projectos de vida dos jovens adultos portugueses, tentando compreender quais os desafios que se colocam aos jovens na nossa sociedade ao nível da formação, das relações familiares e amorosas e dos planos profissionais. Este estudo insere-se num projecto internacional, que procura conhecer quais as características específicas desta fase da vida, analisando semelhanças e diferenças entre países europeus. ***As suas experiências e opiniões são muito importantes para nos ajudarem a entender o que é ser um jovem adulto em Portugal.***

Por favor responda às perguntas de forma sincera. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que solicitamos que responda sempre de acordo com o que pensa, sente ou faz.

Este questionário é voluntário e anónimo, os dados são confidenciais e utilizados apenas para fins científicos.

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração.

Muito obrigado! Em caso de dúvida pode sempre dirigir-se a nós!

Questões de carácter geral

(Questões 1 a 9)

1. **Sexo:** ☐ masculino ☐ feminino

2. **Ano de nascimento:** 19____ (por favor, indique um número.)

3. **a) Estado civil:**

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a) (1º casamento)
- ☐ Casado(a) (outro casamento)
- ☐ Ainda casado(a), mas vive separado(a)
- ☐ Divorciado(a)
- ☐ Viúvo(a)
- ☐ União de facto

3. **b) Nacionalidade:**

3. **c) Nacionalidade dos pais:**

Pai: _____

Mãe: _____

4. **Habilitações académicas concluídas até ao momento:**

- ☐ Nenhuma
- ☐ Ensino primário (4º ano)
- ☐ Ensino básico (9º ano)
- ☐ Ensino secundário geral (12º ano)
- ☐ Curso profissional, tecnológico ou artístico especializado (12º ano)
- ☐ Curso de especialização tecnológica
- ☐ Ensino superior universitário/politécnico (bacharelato, licenciatura, mestrado, doutoramento)

(Continuação da página anterior)

5. O que faz actualmente?

⇒ na escola/ curso de formação/ ensino universitário

- ☐ Terminei a escola, mas ainda não estou em formação profissional/ a trabalhar
- ☐ Estou em formação profissional como _____
- ☐ Frequento o ensino secundário geral na área de _____
- ☐ Frequento um curso técnico, profissional ou artístico especializado na área de _____
- ☐ Frequento curso superior politécnico, na área de _____
- ☐ Frequento curso superior universitário, na área de _____

⇒ fora da escola/ curso de formação/ ensino universitário

- ☐ Serviço militar, serviço cívico
(por favor, riscar o que não se aplica)
- ☐ Terminei a formação, mas ainda não exerço atividade remunerada
- ☐ Exerço atividade remunerada enquanto _____
- ☐ Desempregado(a)
- ☐ Outra situação: _____

Questões para todos

23. Como é a sua relação com os seus pais?

Mãe						Pai				
Raramente ou nunca	Às vezes	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase sempre		Raramente ou nunca	Às vezes	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase sempre
					Com que frequência...					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1. ...os seus pais lhe transmitem coisas que até aí desconhecia ou não sabia fazer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2. ...fala com os seus pais de coisas, que não quer que outros tenham conhecimento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe						Pai				
Raramente ou nunca	Às vezes	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase sempre		Raramente ou nunca	Às vezes	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase sempre
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3. ...ajuda os seus pais a compreender coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4. ...se dirige aos seus pais para pedir apoio para problemas pessoais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5. ...você e os seus pais se zangam e ficam irritados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6. ...os seus pais o(a) ajudam a resolver tarefas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	7. ...discutem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	8. ...ensina aos seus pais coisas que até aí desconheciam ou não sabiam fazer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	9. ...pode contar com o apoio, os conselhos ou a compreensão dos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	10. ...os seus pais o(a) ajudam a compreender coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	11. ...têm opiniões diferentes e discutem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	12. ...é dependente do apoio emocional dos seus pais quando se sente mal ou zangado(a)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	13. ...ajuda os seus pais a resolver tarefas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Mãe						Pai				
Quase sempre ela	Muitas vezes ela	Eu e ela igual	Muitas vezes eu	Quase sempre eu		Quase sempre ele	Muitas vezes ele	Eu e ele igual	Muitas vezes eu	Quase sempre eu
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	14. Quando vocês os dois estão juntos(as), quem é que manda?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	15. Quem é a figura dominante na relação entre si e o seu pai/mãe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	16. Na relação com o seu pai/mãe, quem é que normalmente assume a responsabilidade e decide o que se deve fazer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Mãe						Pai				
Pouco ou nada	Alguma coisa	Bastante	Muito	Muitíssimo		Pouco ou nada	Alguma coisa	Bastante	Muito	Muitíssimo
					Em que medida...					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	17. ...sente amor e afecto pelos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	18. ...partilha os seus segredos e sentimentos com os seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	19. ...têm os seus pais um sentimento de amor ou afecto por si?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	20. ...se interessa verdadeiramente pelos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	21. ...é amado(a) pelos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	22. ...partilha os seus assuntos privados com os seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	23. ...admira e respeita os seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	24. ...os seus pais se interessam de facto por si?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	25. ...dá a sentir aos seus pais que eles fazem muitas coisas bem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe						Pai				
Pouco ou nada	Alguma coisa	Bastante	Muito	Muitíssimo		Pouco ou nada	Alguma coisa	Bastante	Muito	Muitíssimo
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	26. ...está satisfeito(a) na relação que tem com os seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	27. ...nutre sentimentos de amor e afecto pelos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	28. ...dá valor às coisas que os seus pais fazem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

58. Em geral qual é a sua avaliação da situação económica?

		Nada de acordo	Pouco de acordo	Bastante de acordo	Totalmente de acordo
1	Quando se termina os estudos/formação, é difícil encontrar logo um trabalho qualificado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Para alguém que entra no mercado do trabalho, hoje em dia é difícil encontrar um emprego estável.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Quando se é jovem, é fácil ficar desempregado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Para jovens adultos, é fácil ganhar o seu próprio sustento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Enquanto não se tem segurança no emprego, está-se dependente do apoio da família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Mesmo que não se tenha estabilidade no emprego, é possível sustentar uma casa própria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Profissões e Planos futuros

(Questões 64 a

64. Que importância têm para si, no momento actual, as seguintes coisas?

		Nada importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Bastante importante	Muito importante
1	Ter bons amigos com os quais possa contar em situações difíceis.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Ter uma relação romântica estável.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Ter sucesso no meu curso/ na minha formação/ no meu trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Ter tempos livres estimulantes e preenchidos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Ter um ou mais filhos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

(Continuação da página anterior)

65. Os jovens têm maneiras diferentes de recolher informações acerca das profissões que um dia gostariam de exercer. Como é que ocorre actualmente ou ocorreu no passado consigo?

		Nada de acordo	Pouco de acordo	Bastante de acordo	Totalmente de acordo
1	Falo com o maior número possível de pessoas acerca de profissões que me interessam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Procuro descobrir o mais possível acerca dos meus interesses profissionais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Procuro informações de diversas maneiras acerca de profissões que me interessam (por ex., leituras, conversas, estágios).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Procuro descobrir quais as profissões que melhor se adaptam às minhas qualidades e às minhas limitações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Quando me informo acerca de uma profissão, tento também informar-me acerca das suas desvantagens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Considero diversas possibilidades profissionais e tento recolher o máximo de informação sobre todas as alternativas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

66. Para si, o que é importante na sua (futura) profissão?

		Nada de acordo	Pouco de acordo	Bastante de acordo	Totalmente de acordo
1	É importante que os meus amigos e conhecidos trabalhem perto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	É importante que o meu companheiro/a minha companheira trabalhe perto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Por um bom emprego, estou disposto a ir para longe da minha cidade natal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Para mim, um emprego que exija muita mobilidade (por ex., mudanças de casa, viagens) está fora de questão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Se a minha relação com o meu companheiro/a minha companheira ficar em risco por causa do meu emprego, procuro outro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Enquanto for jovem, quero realizar os meus projectos profissionais, independentemente do que faça o meu companheiro/a minha companheira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Começar de novo numa cidade desconhecida, não é um problema para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO 3

Análises Fatoriais

Quadro 1

Estrutura fatorial do NRI para a mãe.

Rotated Component Matrix

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Em que medida...				
21. ... é amado(a) pelos seus pais?	.885			
19. ... têm os seus pais um sentimento de amor ou afeto por si?	.852			
24. ... os seus pais se interessam de facto por si?	.814			
17. ... sente amor e afecto pelos seus pais?	.798			
20. ... se interessa verdadeiramente pelos seus pais?	.781			
27. ... nutre sentimentos de amor e afecto pelos seus pais?	.779			
28. ... dá valor às coisas que os seus pais fazem?	.717			
23. ... admira e respeita os seus pais?	.688			
26. ... está satisfeito(a) na relação que tem com os seus pais?	.574			
Com que frequência...				
4. ... se dirige aos seus pais para pedir apoio para problemas pessoais?		.782		
2. ... fala com os seus pais de coisas, que não quer que outros tenham conhecimento?		.759		
18. ... partilha os seus segredos e sentimentos com os seus pais?		.725		
22. ... partilha os seus assuntos privados com os seus pais?		.703		
10. ... os seus pais o(a) ajudam a compreender as coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?		.693		
6. ... os seus pais o(a) ajudam a resolver tarefas?		.609		
12. ... é independente do apoio emocional dos seus pais quando se sente mal ou zangado(a)?		.600		
1. ... os seus pais lhe transmitem coisas que até aí desconhecia ou não sabia fazer?		.582		
3. ... ajuda os seus pais a compreender coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?		.561		
9. ... pode contar com o apoio, os conselhos ou a compreensão dos seus pais?	.503	.508		
8. ... ensina aos seus pais coisas que até aí desconheciam ou não sabiam fazer?		.476		
13. ... ajuda os seus pais a resolver tarefas?		.466		
5. ... você e os seus pais se zangam e ficam irritados?			.853	
7. ... discutem?			.848	
11. ... têm opiniões diferentes e discutem?			.737	
16. Na relação com os seus pais, quem é que normalmente assume a responsabilidade e decide o que se deve fazer?				.785
15. Quem é a figura dominante na relação entre si e os seus pais?				.783
14. Quando estão juntos(as), quem é que manda?				.773
Variância (%)	33,26	11,08	7,88	7,55
Variância total explicada (%)	59,73			

Quadro 2**Estrutura fatorial do NRI para o pai.**

Rotated Component Matrix

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Em que medida...				
21. ... é amado(a) pelos seus pais?	.893			
19. ... têm os seus pais um sentimento de amor ou afecto por si?	.887			
24. ... os seus pais se interessam de facto por si?	.822			
20. ... se interessa verdadeiramente pelos seus pais?	.820			
17. ... sente amor e afecto pelos seus pais?	.818			
27. ... nutre sentimentos de amor e afecto pelos seus pais?	.806			
23. ... admira e respeita os seus pais?	.790			
28. ... dá valor às coisas que os seus pais fazem?	.715			
26. ... está satisfeito(a) na relação que tem com os seus pais?	.564	.525		
Com que frequência...				
4. ... se dirige aos seus pais para pedir apoio para problemas pessoais?		.808		
2. ... fala com os seus pais de coisas, que não quer que outros tenham conhecimento?		.790		
18. ... partilha os seus segredos e sentimentos com os seus pais?		.781		
22. ... partilha os seus assuntos privados com os seus pais?		.747		
10. ... os seus pais o(a) ajudam a compreender as coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?		.713		
6. ... os seus pais o(a) ajudam a resolver tarefas?		.676		
9. ... pode contar com o apoio, os conselhos ou a compreensão dos seus pais?		.601		
1. ... os seus pais lhe transmitem coisas que até aí desconhecia ou não sabia fazer?		.600		
12. ... é independente do apoio emocional dos seus pais quando se sente mal ou zangado(a)?		.573		
3. ... ajuda os seus pais a compreender coisas novas ou a pôr alguma coisa em ordem?		.545		
13. ... ajuda os seus pais a resolver tarefas?		.540		
8. ... ensina aos seus pais coisas que até aí desconheciam ou não sabiam fazer?		.474		
5. ... você e os seus pais se zangam e ficam irritados?			.847	
7. ... discutem?			.816	
11. ... têm opiniões diferentes e discutem?			.788	
14. Quando estão juntos(as), quem é que manda?				.843
15. Quem é a figura dominante na relação entre si e os seus pais?				.840
16. Na relação com os seus pais, quem é que normalmente assume a responsabilidade e decide o que se deve fazer?				.831
Variância (%)	39,07	10,89	8,66	6,85
Variância total explicada (%)	65,46			

Quadro 4

Estrutura unifatorial da *Escala de Opinião acerca da situação económica geral*

Component Matrix

Itens	Fator 1
1. Quando se termina os estudos/formação, é difícil encontrar logo um trabalho qualificado.	.758
2. Para alguém que entra no mercado do trabalho, hoje em dia é difícil encontrar um emprego estável.	.811
3. Quando se é jovem, é fácil ficar desempregado.	.613
4. Para jovens adultos, é fácil ganhar o seu próprio sustento (item invertido)	.387
5. Enquanto não se tem segurança no emprego, está-se dependente do apoio da família.	.585
6. Mesmo que não se tenha estabilidade no emprego, é possível sustentar uma casa própria.	.244
Variância total explicada (%)	35.9

Quadro 5

Estrutura unifactorial da *Escala de exploração vocacional*

Component Matrix

Itens	Fator 1
1. Falo com o maior número possível de pessoas acerca de profissões que me interessam.	,692
2. Procuro descobrir o mais possível acerca dos meus interesses profissionais.	,761
3. Procuro informações de diversas maneiras acerca de profissões que me interessam (por ex., leituras, conversas, estágios).	,791
4. Procuro descobrir quais as profissões que melhor se adaptam às minhas qualidades e às minhas limitações.	,778
5. Quando me informo acerca de uma profissão, tento também informar-me acerca das suas desvantagens.	,724
6. Considero diversas possibilidades profissionais e tento recolher o máximo de informação sobre todas as alternativas.	,779
Variância total explicada (%)	57%